COMISSÃO PARA AQUISIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Relatório e Propostas 2022

1. Enquadramento

Tendo nas últimas duas décadas permanecido uma coleção fechada, a Coleção de Arte Contemporânea do Estado foi reaberta através do Despacho n.º 5186/2019, publicado no Diário da República n.º 101/2019, Série II, de 27 de maio de 2019, que determina a constituição de uma Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea (CAAC), com a missão de identificar obras de artistas plásticos contemporâneos, tendo em vista a respetiva integração no programa de aquisição de arte contemporânea do Estado.

O Despacho n.º 5186/2019 estabelece que a CAAC funciona sob dependência do membro do Governo responsável pela área da cultura, tendo as seguintes competências:

• Selecionar as obras de arte cuja incorporação na Coleção de Arte Contemporânea do Estado se revele fundamentadamente adequada;

• Elaborar um projeto de catálogo sobre a Coleção de Arte Contemporânea do Estado;

• Propor a realização de exposições de obras que integrem a Coleção de Arte Contemporânea do Estado e acompanhar a respetiva produção, montagem e divulgação.

No exercício destas competências, a CAAC deve apresentar ao membro do Governo responsável pela área da cultura um relatório que discrimine:

• O elenco das obras de arte, cuja aquisição pelo Estado seja considerada relevante no ano económico, tendo por referência as disponibilidades orçamentais previstas para o programa de aquisição de arte contemporânea portuguesa do Estado;

• Elementos identificativos do autor e da obra de arte, bem como reprodução gráfica da mesma;

• Fundamentação técnica para a proposta de seleção de cada obra de arte;

• Estimativa de preço de cada obra de arte, com indicação dos pressupostos do respetivo cálculo;

• Proposta de conteúdos, periodicidade e tiragem do catálogo, bem como estimativa dos custos de edição e impressão;

• Proposta de datas, conteúdos e formas de divulgação das exposições, bem como estimativa de despesa para a respetiva realização e proposta de dois locais para as exposições, de acordo com critérios de dispersão territorial.

A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea para o biénio 2021/2022, designada no Despacho n.º 880/2021, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, de 21 de janeiro, definiu, nos termos do previsto no Despacho n.º 5186/2019, o respetivo funcionamento.

Tendo em consideração os prazos previstos no Despacho n.º 5186/2019, e para cumprimento dos prazos estipulados para 2022, a Comissão reuniu semanal ou quinzenalmente, conforme a tabela constante do Anexo I ao presente relatório.

No decorrer das reuniões, os membros apresentaram as respetivas propostas, as quais foram objeto de contínua discussão crítica, sempre no sentido de que as mesmas respondessem aos critérios definidos em Despacho, tendo chegado a uma listagem final, que ora se apresenta, aprovada por todos os membros.

2. Proposta de aquisição

Tendo em consideração o montante determinado pelo Estado para aquisição de obras de arte contemporânea no ano de 2022 – €800 000 –, a CAAC para o Biénio 2021/2022, composta pelos ora signatários, propõe a Sua Excelência o Ministro da Cultura:

1. A aquisição das obras identificadas no Anexo II ao presente Relatório:

2. A produção de um catálogo bilingue (português/inglês), com uma tiragem mínima de 1000 exemplares.

a) O catálogo deverá documentar os trabalhos selecionados e adquiridos, integrando igualmente um texto institucional de Sua Excelência o Primeiro-Ministro e Sua

Excelência o Ministro da Cultura, bem como um texto enquadrador preparado pela Comissão de Aquisições.

b) O catálogo deve conter a reprodução de todas as obras adquiridas pela Comissão e o registo fotográfico das peças deverá ser encomendado a um fotógrafo profissional, especialista na realização de fotografias de obras de arte.

c) O custo estimado do catálogo é de 15.000,00€, valor que inclui *design*, impressão, custos de tradução e execução de fotografias.

d) Propõe-se que o catálogo seja editado no âmbito no protocolo entre a Direção-Geral do Património Cultural e a Imprensa Nacional Casa da Moeda.

3. Uma exposição conjunta das obras adquiridas no biénio 2021/2022, comissariada pelos membros da Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea, com a duração de três meses e a ter lugar entre o último trimestre de 2023 e o primeiro trimestre de 2024. Propõe-se, igualmente, que após o encerramento desta exposição, as obras adquiridas sejam expostas em núcleos expositivos numa lógica de dispersão territorial, permitindo a difusão das novas aquisições da Coleção de Arte Contemporânea do Estado, sendo particularmente importante que isto aconteça em territórios de baixa densidade populacional.

Anexo I (a que se refere o ponto 1)

Reuniões da CAAC 2022

Mês	**Dia**
Junho	6
Junho	23
Julho	20
Julho	27
Julho	28
Agosto	12
Setembro	8

Anexo II

(a que se refere o n.º 1 do ponto 2 do Relatório)

ALICE DOS REIS [Lisboa, 1996]

***Mood Keep* | 2018**

Descrição: Vídeo HD, Cor, Som. Ed. 2/3 + 1 EC

Valor de aquisição: 5 000 €

Fundamentação: A jovem artista Alice dos Reis vive e trabalha entre Lisboa e Amesterdão, contando já com um considerável percurso internacional, que inclui prémios, residências e publicações. O seu filme *Mood Keep* centra-se em axolotes, animais similares às salamandras, mas que parecem não ter atingido a maturidade, sendo geralmente mantidos em laboratórios ou como animais de estimação, vivendo em aquários num estado de quase letargia. Devido ao seu aspeto embrionário, suscitam o incremento do culto da suspensão num estado de perpétua adolescência, em figuras de Pokémon e de personagens de filmes “anime”. À noção do ser como substância etérea e imutável são agregados inocência e sentimentalismo, quando a sua configuração assume a escala objetual de corpos dóceis. As animações são consumidas em dispositivos móveis que provocam sensações de potência e autonomia, em cidadãos que, como os axolotes, são remetidos para um isolamento e inércia que convertem a comunicação num acontecimento estritamente virtual.

ANA HATHERLY [Porto, 1929-2015]

Série *Pavão Negro* | 1992

Descrição: Tinta-da-china sobre papel japonês

Dimensões: 160 x 75 cm

Valor de aquisição: 18 450, 00 €

***Sem título* | 1972**

Descrição: Tinta-da-china sobre papel

Dimensões: Suporte: 10,5 x 9,5 cm; Mancha: 8,5 x 8,5 cm.

Valor de aquisição: 4 920,00 €

***Sem título* | 1972**

Descrição: Tinta-da-china sobre papel

Dimensões: Suporte: 9 x 14 cm; Mancha: 5,5 x 7 cm

Valor de aquisição: 3 700,00 €

***Sem título* | 1972**

Descrição: Tinta-da-china sobre papel

Dimensões: Suporte: 9 x 14 cm; Mancha: 7 x 7 cm

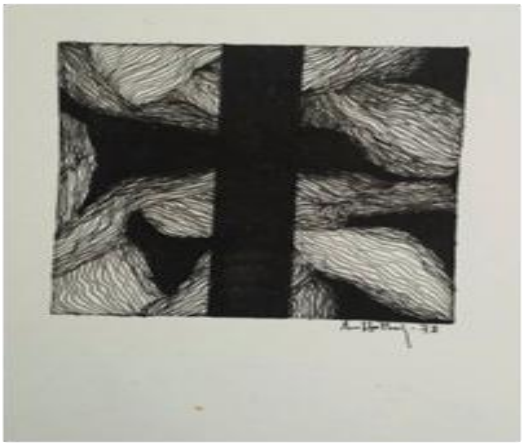
Valor de aquisição: 3 700,00 €

***Sem título* | 1972**

Descrição: Tinta-da-china sobre papel

Dimensões: Suporte: 9 x 14 cm. Mancha: 6 x 7 cm

Valor de aquisição: 3 700,00 €

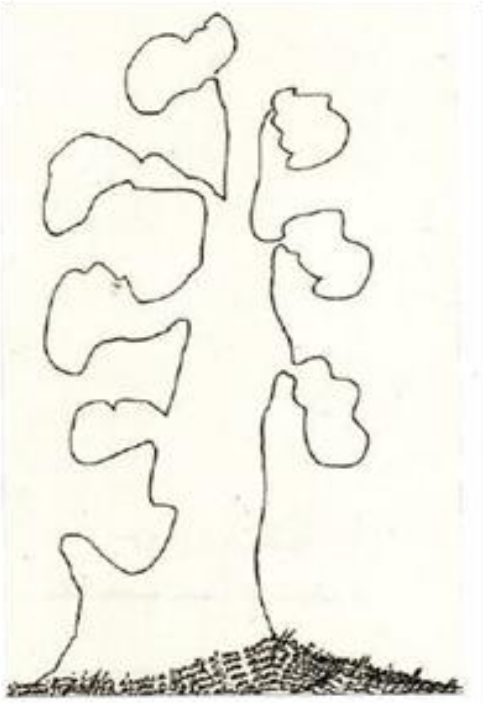


***A poesia é uma árvore flor* | 1995**

Descrição: Tinta-da-china sobre papel

Dimensões: 12,5 x 7,5 cm

Valor de aquisição: 3 700,00 €

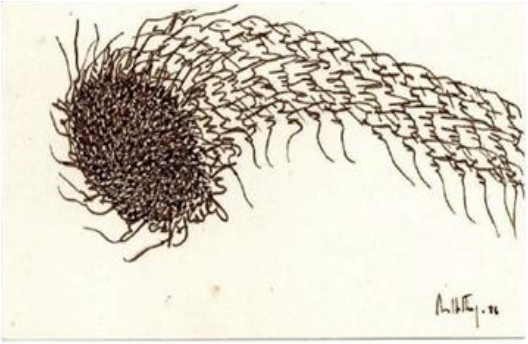


***Sem título* | 1996**

Descrição: Tinta-da-china sobre papel

Dimensões: 7,5 x 12,5 cm

Valor de aquisição: 3 700,00 €



Fundamentação: Ana Hatherly está entre os mais importantes artistas da segunda metade do século XX em Portugal. Foi professora catedrática da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e o seu estudo e ensino académicos estão profundamente ligados à sua obra literária e plástica, em particular o seu estudo sobre a poesia barroca, em relação à qual deu ênfase aos jogos visuais resultantes da arrumação tipográfica do texto constituindo imagens surpreendentes. Esteve ligada à arte experimental da década de 1970, e em particular à poesia experimental e visual, a par de nomes como Ernesto Melo e Castro, Salette Tavares, António Aragão ou Alberto Pimenta, entre outros. É a ligação entre escrita e desenho, ou a escrita enquanto imagem e o desenho enquanto escrita, que constitui o cerne da sua pesquisa ao longo de décadas. A aquisição deste conjunto de obras vem, assim, preencher uma grande lacuna na Coleção de Arte Contemporânea do Estado, e constitui um acervo significativo e representante de diferentes momentos desta artista falecida em 2015, nomeadamente do desenho ondeante e intrincado dos anos 1970, da pintura caligráfica em tiras longas de papel ou rolos, e da poesia-desenho dos anos de 1990.

ANA MARCHAND [Porto, 1947]

***Aurobindo* | 2004**

Descrição: Tinta da china sobre papel indiano. Série de desenhos (5 elementos).

Dimensões: 19 x 28 cm (cada)

Valor de aquisição: 1 500,00 €

Fundamentação: A observação da natureza e o papel da experiência na vivência e representação plástica do contexto natural envolvente são questões fundamentais na prática artística de Ana Marchand. As suas primeiras exposições ocorreram na segunda metade da década de setenta, e desde então, desenhou uma trajetória que se definiu pela exploração plástica de materiais e suportes e pelo contacto com culturas e formas de pensamento muito orientadas para a espiritualidade. A partir da década de noventa a sua obra artística está fortemente associada às muitas viagens que empreende, detendo-se longos períodos em destinos como a Índia, o Vietname e o Sul da China. Trabalha e expõe na Índia e esta ligação está desde logo muito presente seja nos materiais ou nas referências e títulos das suas obras. Esta série de desenhos exemplifica essa influência. Intitulada *Aurobindo*, nela a artista elege o pequeno formato, muito comum no seu corpo de trabalho a par dos apontamentos e cadernos de viagens, e apresenta uma construção figurativa onde o naturalismo se padroniza e transfigura pela densidade do registo. Optando pela simplicidade na sua abordagem aos temas, nesta série Marchand homenageia a cultura e a espiritualidade como dimensão essencial da vida e da sua prática artística, referenciando Sri Aurobindo (Calcutá, 1872-1950), filósofo e poeta indiano que desenvolveu um método de prática espiritual chamado Yoga Integral.

ANA MATA [Setúbal, 1980]

***Sem título* | 2013**

Descrição: Acrílico s/ tela

Dimensões: 190 x 145 cm

Valor de aquisição: 6 690, 00 €

Fundamentação: A obra de Ana Mata destaca-se por uma prática do desenho e da pintura de representação rigorosa. São imagens que embora contemporâneas e com referentes do quotidiano, fazem referência à história da arte, nomeadamente à história da pintura. Em grande parte das suas pinturas o enquadramento da imagem é fotográfico, pois recorre à fotografia para construir as suas imagens, mas é um olhar sem a artificialidade das imagens de estúdio ou excessivamente produzidas. São snapshots de momentos privados, alguns quase íntimos, onde a artista no atelier aprofunda e trabalha sobre a imagem como se destilasse todo o saber e tradição da Pintura. Mesmo assim o gesto é livre e apesar da complexidade das suas pinturas os elementos apresentam-se fluidos num jogo de luz e transparência muito rico e

apelativo ao olhar. Na obra apresentada para aquisição, a pintura *Sem Título* de 2013, exposta na galeria Módulo em Lisboa, é inevitável a referência à conhecida *Ophelia*, pintura de Everett Millais. O nosso olhar segue para junto da figura, como se caísse também na relva, junto da figura – será a artista? Descansa? Está morta como Ophelia? – sentimos as texturas dos elementos vegetais, o odor a humidade, a outono, o frio da água, o respirar do corpo e a aparente tranquilidade da paisagem. É uma imagem que sugere o apelo dos sentidos pela visão.

ANAMARY BILBAO [Sintra, 1986]
***I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* | 2021**
Descrição: Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão (2 elementos)
Dimensões: 161,2 x 123,2 x 4 cm (esquerda), 121,3 x 88,7 x 4 cm (direita)
Valor de aquisição: 7 250,00 €

Fundamentação: Com um trabalho que se tem desenvolvido num território transdisciplinar que combina sobretudo a articulação do desenho com a imagem (estática ou em movimento), AnaMary Bilbao tem procurado investigar a temática do tempo nos seus vários desdobramentos. Interessada nas suas implicações históricas, culturais e existenciais, tem procurado questionar o presente (a partir do contexto antropocêntrico), cruzando um interesse pela velocidade própria dos meios digitais em

contraponto com a manualidade demorada dos registos analógicos. Numa permanente revisão do real e da verdade, constrói (muitas vezes a partir da utilização de imagens de arquivo) novas narrativas assentes na ambiguidade e no intervalo, nesse lugar 'entre' verdades, permitindo ao espectador um amplo espaço para a interpretação e sublinhando a condição idiossincrática inerente a cada leitura. Com um percurso já significativo no contexto nacional, AnaMary Bilbao foi em 2022 artista residente no International Studio & Curatorial Program – ISCP, em Nova Iorque, com o apoio da FLAD; foi nomeada em 2021 para o Prémio FLAD Desenho e, em 2019, para o Prémio Novos Artistas Fundação EDP. A obra agora selecionada (*I am still not sure how long we will stay here and where we will go then*) fez parte da exposição individual que apresentou na Fundação Leal Rios, em Lisboa, em 2021.

ANA SILVA [Angola, 1979]
***Estendal 25* |2019**
Descrição: Saco de ráfia, desenho, entretela, bordado, fitas
Dimensões: 110 x 190 cm
Valor de aquisição: 8 920,00 €

Fundamentação: Ana Silva é uma artista nascida em Calulo, Angola, na província de Kuanza Sul, que tem trabalhado com materiais de desperdício, incluindo sacos de

plástico, de ráfia e restos de tecidos, num aproveitamento que aponta tanto para a economia baseada no excesso de consumo de bens efémeros, como para a exploração de recursos e pessoas em países outrora colonizados e com forte desigualdade social. Contrasta a pobreza desses materiais com bordados delicados e minuciosos sobre eles executados, e com uma montagem de retalhos elaborada. No seu trabalho é frequente encontrar referência à escassez de recursos naturais e à precariedade vivida pela população angolana, quer reportando-se ao período da Guerra Civil durante o qual cresceu, quer ao presente, e focando sobretudo o quotidiano das mulheres e crianças. O seu trabalho inscreve-se numa condição de fragilidade, que se expressa nos meios com que escolhe trabalhar e na forma como os trabalha, e que tem sido exposto frequentemente em Portugal e internacionalmente. Um dos temas presentes na obra de Ana Silva é a geometria Sona, usada originalmente em desenhos na areia para contar histórias no nordeste de Angola. A obra proposta para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado é exemplo da referência aos padrões Sona, adicionando essa linguagem indígena a uma complexa rede de referências, que ganha uma relevância particular nos vestígios escritos num dos retalhos usados, com números que podem remeter para quantidades ou valores, e a referência a Lisboa.

ANDRÉ GUEDES [Lisboa, 1971]

***Os Novos Vermelhos (III e IV)* | 2013-2017**

Descrição: Vestuário de cor vermelha proveniente da região da Beira Baixa; estruturas em madeira de mogno com dimensões a partir de vãos onde se encontravam peças de tecido de William Morris, atualmente conservadas na William Morris Gallery, Walthamstow, Londres.

Dimensões: 126 x 43 cm + 130 x 43 cm; 177 x 88 cm + 182 x 91 cm

Valor de aquisição: 9 500,00 €

Fundamentação: André Guedes tem desenvolvido trabalhos de investigação que aliam pesquisa conceptual, plástica e um aturado trabalho de campo, com recurso a pesquisas documentais em diferentes contextos locais. Mostrada na exposição individual do artista, intitulada *Prospectus. Beginning, Middle and Finishing* que decorreu no Pavilhão Branco, Palácio Pimenta (Galerias Municipais/EGEAC), em Lisboa, em 2017, esta obra resulta de um projeto desse teor que teve continuidade processual entre o final de 2012 e 2017, com diferentes momentos de apresentação pública. O ponto de partida desta exposição foi o legado e a dimensão política e social do pensamento de William Morris, cuja atuação foi marcante no contexto britânico mas também internacional a partir da segunda metade do século XIX. Para além desta

convocação, o artista evoca paralelamente a herança das manufaturas têxteis da região da Covilhã, que estando ativas desde o século XVII encontraram o seu declínio no final do século XX. Cruzando estas referências, André Guedes convida-nos a refletir sobre as mudanças sociais e económicas que acompanham as transformações tecnológicas sem deixar de apelar a um pensamento prospetivo.

ANDRÉ PRÍNCIPE [Porto, 1976]

***quinta de avestruzes, Alqueva* da série *Perfume do Boi* | 2011**

Descrição: Impressão digital a jato de tinta, a cores, sobre papel de algodão (Hahnemuhle 315g), colado em pvc, colado em PVC, moldura de carvalho e vidro de museu. Ed. 3/5 + 2 PA

Dimensões: 140 x 180 cm

Valor de aquisição: 8 500,00 €

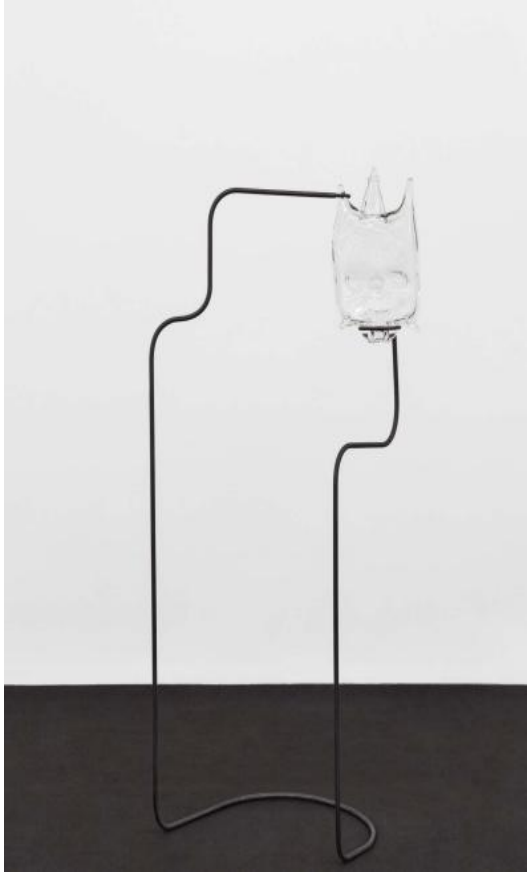
Fundamentação: André Príncipe reparte a sua atividade entre a prática da fotografia e do filme e a edição e publicação de livros de fotografia. Na sua prática fotográfica tem vindo a desenvolver uma interessante investigação em torno das possibilidades

do meio fotográfico enquanto mecanismo de perceção, apreensão e construção do real. Trabalhando com base no seu arquivo fotográfico (reunido a partir das muitas viagens que tem realizado), o artista seleciona e edita as suas imagens procurando estabelecer ligações e relações dialéticas, mais ou menos harmoniosas, na direção da procura de um sentido que raramente é narrativo. Num processo que assume uma aproximação à linguagem do cinema, o artista evoca a condição documental da fotografia, sem esquecer simultaneamente a sua inevitável condição ficcional. Reitera um interesse pela tradição das disciplinas artísticas, nomeadamente pela pintura enquanto modelo de representação, e reafirma a sua atenção às temáticas da vida e da morte, do espaço e do tempo, da permanência e da efemeridade, da poesia e da política, da ascensão e da queda. Com um particular interesse pela observação dos animais e dos seus comportamentos e reações, desenvolveu longas séries de trabalho dedicado a estes seres, sendo disso um notável exemplo a obra que agora se seleciona (*quinta de avestruzes, Alqueva*).

ANDRÉ ROMÃO [Lisboa, 1984]
***Medusa* | 2021**
Descrição: Ramo de árvore, fragmento de escultura (França séc. XVII)
Dimensões: 87 x 20 x 24 cm (aprox.)
Valor de aquisição: 8 000,00 €

Fundamentação: André Romão conta com uma ascendente carreira internacional, cuja obra tem vindo a incidir amiúde em assemblages que envolvem um certo maneirismo, pela subtil alteração das conotações atribuídas aos materiais escultóricos, aquando da sua junção. *Medusa* surge com o aspecto de animal aquático até ser reconhecido o topo de uma cabeça humana numa escultura do século XVIII. A simbiose iminente da cabeleira ondulante com os ramos secos, demonstra os efeitos de uma auto-negação que resume a presença humana a uma matéria incorpórea. Quando a beleza se torna motivo de vergonha e culpa, a consciência do delito irrompe como um raio, desvitalizando todo o corpo desejante.

ANDREIA SANTANA [Lisboa, 1991]
***The skull of the haunted snail* | 2020**
Descrição: Cristal soprado e ferro
Dimensões: 144 x 51 x 40 cm
Valor de aquisição: 8 587,50 €



Fundamentação: Andreia Santana tem vindo a desenvolver o seu trabalho no território da escultura, vulgarmente com apresentações de grande impacto e intensidade. Revelando uma enorme proficiência na articulação de uma produção de carácter industrial com uma clara presença da mão, as suas obras denotam um manifesto interesse pela tradição de relação do ser humano com a natureza, com a ciência, com a história e com as práticas ancestrais, e pelas suas imensas possibilidades de relação. O modo como nos correlacionamos ou como nos afetamos mutuamente, em permanente interdependência, é um princípio que atravessa muitas das suas obras e a possibilidade de criação de um novo entendimento acerca destes novos mecanismos de relação parece estar presente nas várias propostas expositivas que tem vindo a desenvolver. A obra selecionada (*The skull of the haunted snail*) faz parte de uma série de obras apresentadas na exposição individual com o mesmo título que realizou no Hangar, em Lisboa, em 2020, e resulta de uma aturada investigação realizada pela artista em torno das "casas da alma" do Antigo Egipto – acerca da possibilidade de um artefacto poder ser simultaneamente entendido na sua condição de ecossistema e de interface. Andreia Santana expõe regularmente em contexto nacional e internacional e foi artista residente na Residency Unlimited (NY), na Panal 360 (Buenos Aires), na Mieszkanie Gepperta Residency Gallery (Polónia) e Gasworks – Triangle Network (Lisboa). Foi vencedora do Prémio Novo Banco Revelação, nomeada para o Ducato Prize (Itália) e recipiente de bolsas de investigação da Fulbright/Fundação Carmona e Costa, do Criatório – CMP, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Prémio Amadeo Souza Cardoso.

ANTÓNIO CARAMELO [Angola, 1969]
***makearevolution* | 2012**
Descrição: Vídeo SD, p/b, som, 2´55´´
Valor de aquisição: 3 500,00 €

Fundamentação: António Caramelo desenvolve desde a década de 90, trabalhos em diferentes *media* e disciplinas, cruzando diferentes referências e afirmando um espaço de produção experimental e crítica de grande significado. Produz peças videográficas, integra projetos como o coletivo Folclore Impressionista, formado em 2016, dedicado à música e à produção de filmes experimentais sonoros, o que dá conta da amplitude do seu horizonte e da sua forma estimulante de relacionar-se com o mundo. A peça *makearevolution* é um vídeo documental sobre a manifestação organizada em Tavira e realizada no âmbito da exposição coletiva "Declínio do Mundo pela Magia Negra" na Casa das Artes de Tavira, a 5 de agosto de 2012. Misto de manifestação política e performance coletiva, ela reúne os criadores participantes da exposição colectiva com outras figuras da comunidade artística em torno da demanda interventiva por um pensamento utópico e ação alternativa.

BELÉN URIEL [Espanha, 1974]
***Untitled (braço e garrafa)* | 2018**
Descrição: Vidro "bullseye" e ferro revestido a pó
Dimensões: 145 × 44 × 44 cm
Valor de aquisição: 9 500,00 €

Fundamentação: Com uma presença regular nos contextos expositivos nacionais e internacionais, Belén Uriel, tem vindo a desenvolver uma carreira no domínio da escultura, sobretudo centrada num interesse pelo contexto formal doméstico. Explorando as características formais e materiais dos objetos que povoam o universo da casa, e nomeadamente também os fatores que determinam o seu desenho – na relação que estabelecem com o corpo humano – procura investigar nas suas obras os processos de relação que podem determinar ou influenciar o nosso comportamento de um ponto de vista sociocultural. Através do recurso a materiais como o vidro, o metal, a pasta de papel, a madeira, a resina, a cera ou a borracha, e referenciando esse universo formal da casa, constrói objetos novos (desta vez disfuncionais) mas que mantém com os primeiros e com o corpo uma familiaridade latente. Belén Uriel recebeu o 6th Audemars Piguet Prize (2018), as bolsas de Apoio às Artes Visuais da Fundação Calouste Gulbenkian (2015), The Art and Research Montehermoso (2011), MUSAC Artistic Creation Grant (2010-11) e Matadero Contemporary Art Creation Grant (2010). A obra seleccionada (*Untitled (braço e garrafa)*) foi apresentada no âmbito de uma exposição realizada com Ana Santos, no Museu da Marinha em Lisboa, em 2018 e constitui-se como um exemplo claro da sua prática investigativa.

BRUNO CIDRA [Lisboa, 1982]
***Untitled* #7 | 2019**
Descrição: Bronze e papel
Dimensões: Dimensões variáveis
Valor de aquisição: 9 000,00 €

Fundamentação: Com um percurso perfeitamente afirmado no contexto nacional, Bruno Cidra tem desenvolvido uma prática afirmativamente localizada naquilo a que comummente chamamos o “campo expandido” da escultura ou, mais particularmente, numa elegante e sofisticada articulação entre os limites da escultura e os limites do desenho. Fazendo geralmente uso do metal (bronze, ferro, cobre, latão, etc.) e do papel, os seus objetos exploram os pontos de contacto entre estes limites, articulando-se num equilíbrio de tensões, gerando diálogos e conexões físicas e temperamentais entre si, e entre si e o espaço que os acolhe. Questões próprias de ambas as disciplinas são trazidas para o contexto das suas obras: peso e leveza, cheio e vazio, permanência e impermanência, resistência e fragilidade, estatismo e dinâmica, durabilidade e efemeridade. E é nessa medida que as suas exposições se assemelham a composições desenhadas no espaço, composições que resultam da combinação cuidada e demorada de fragmentos (uns adicionados outros suprimidos) e que são simultaneamente vestígio e documento das várias ações e gestos que lhe deram lugar. Bruno Cidra foi artista residente na Pivô – Pesquisa, em 2017, e em 2013 na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), ambas em São Paulo, Brasil, tendo sido finalista do Prémio Novos Artistas Fundação EDP, em 2009 e recebido, em 2005, o Prémio de Escultura D. Fernando II. A obra agora selecionada (*Untitled #7*) foi apresentada no âmbito da sua exposição individual na Galeria Bruno Múrias, em Lisboa, em 2019, e constitui-se como um extraordinário exemplo da sua prática.

ÇÃO PESTANA [Funchal, 1953]

***Ária II (versão I)* | 1986 |**
Descrição: Vídeo, versão restaurada a 2022, 20’
Valor de aquisição: 6 000,00 €

***Sem título* | 1992 |**
Descrição: Fotografia a cores em gelatina e sais de prata | 30 x 15 cm (cada), 90 x 45 cm (total)
Valor de aquisição: 3 000,00 €

Fundamentação: Natural do Funchal, Ção Pestana desenvolve desde os anos 70 uma prática artística extensível a vários *media.* Em 1975 inicia a sua intervenção artística no Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (GICAPC). E data de 1979, a sua primeira exposição individual “Anéis de Vénus”, no CAPC. A performance foi um campo onde desenvolveu muitos dos seus trabalhos, refletindo sobre a imagem, a temporalidade, a memória e as relações de poder e de género. Realiza ações performativas presenciais e comummente intervém igualmente sobre os registos visuais, fotográficos e videográficos, das suas apresentações, constituindo peças autónomas a partir deles. Disso são exemplo, as peças *Sem título* de 1992 e *Ária II (versão I)* de 1986, cuja aquisição é proposta para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado.

CARLOS BUNGA [Porto, 1976]

***Crate Painting #3* | 2019**

Descrição: Tinta de látex e cola sobre caixa de madeira

Dimensões: 95 x 124 x 19,5 cm

Valor de aquisição: 27 000,00 €

Fundamentação: Com um percurso singular e de grande relevância, Carlos Bunga é um artista incontornável na cena artística internacional. Encontramos a sua obra nas principais coleções de arte contemporânea pelo mundo, e é regular ter obra exposta em importantes museus como Secession de Viena, Museu Reina Sofia em Madrid, Whitechapel Gallery em Londres, no Museu de Serralves, ou mais recentemente no MAAT ou na Fundação Gulbenkian em Lisboa.

A sua obra é um confronto com a arquitetura e a vivência dos corpos nos espaços e lugares que ocupamos ou transitamos. Com uma prática transdisciplinar, mas mais comum entre a escultura e a pintura, recorre a materiais frágeis ou de utilização descartável explorando expressivas texturas e plasticidades. As suas monumentais construções em cartão, por exemplo, erguem-se e impõem-se sobre os espaços brancos e ortogonais dos museus e das galerias de forma poética e crua. Sugere espaços alternativos à dureza do mundo atual, refletindo sobre noções de nomadismo e migração confrontando estas com o legado que as sociedades modernas e

contemporâneas fazem questão de perpetuar e impor. Na obra *Crate Painting #3* é apresentada uma caixa de contraplacado usada no transporte de obras de arte como suporte da própria obra, e nela o artista intervém com látex e tinta no seu interior. A esta caixa outrora usada para proteger, para ser manuseada e descartada, é atribuída uma nova função, tal como quando usa as caixas de cartão, passando a ser o conteúdo.

CARLOS LOBO [Guimarães, 1974]

***Sem título* da série *Still There (Libano)* | 2011 |**
Descrição: Impressão digital a jato de tinta, a cores, sobre papel de algodão. Ed. 1/3.
Dimensões: 79 x 96 cm
Valor de aquisição: 4 000, 00 €

***Sem título* da série *Still There (Libano)* | 2011**

Descrição: Impressão digital a jato de tinta, a cores, sobre papel de algodão. Ed. 1/3.

Dimensões: 79 x 96 cm

Valor de aquisição: 4 000,00 €

Fundamentação: O trabalho fotográfico de Carlos Lobo insere-se numa corrente documental contemporânea, baseada numa observação metafísica e crítica da realidade. Os trabalhos da série *Still There* foram realizados no âmbito de uma viagem a Beirute e Trípoli, em 2011, em mais um momento crítico da história do Líbano. Contudo, a observação do fotógrafo destas duas cidades, é realizada com a consciência histórica da sua complexidade política, bem como do seu passado e presente trágico na geoestratégia do Médio Oriente. *Still There* evoca, no título e na natureza das imagens captadas, uma dimensão de resiliência destes lugares face à sua própria história. É um trabalho visual de síntese, que se detém na reverberação do que resiste, no simbolismo anacrónico de certos detalhes que, num relance, representam o caos e o seu contrário, sem a evidência documental da destruição e da ruína. Outras séries, realizadas noutros locais, como Japão, Coreia do Norte ou China, seguem o mesmo processo criativo, mas interrogam também a construção cultural e política quando observamos o Outro. O seu trabalho possui uma qualidade

documental que é representativa da atual fotografia portuguesa, e os trabalhos agora propostos para aquisição são um importante contributo para a coerência da coleção nesta matéria.

CATARINA DIAS [Londres, 1979]

***Sem título* | 2019**

Descrição: Óleo, lâmina, gesso sobre papel, ilhosas e cabo de aço

Dimensões: 188 x 140 cm

Valor de aquisição: 5 500,00 €

Fundamentação: A palavra, em forma de poema, tem uma importante presença na obra de Catarina Dias. Pela prática da pintura e do desenho esta aparece de diferentes formas: são poemas que lemos mas também vemos. As palavras surgem de forma experimental sobre fortes manchas de cor, recortadas, sobrepostas ou apagadas. É um jogo constante entre forma, cor, transparência e subtração. Novos significados são encontrados a cada leitura. *Sem título* de 2019 é um poema-desenho com uma escala humana que permite circular em torno da obra. Ambas as faces da

grande folha de papel suspensa estão pintadas e, estando o texto recortado, o nosso olhar atravessa a superfície jogando com o resto do espaço ao ler. Catarina Dias tem exposto com regularidade o seu trabalho em importantes exposições como no Prémio Novos Artistas Fundação EDP, em 2011, Galeria Vera Cortês, Parkour, ou Appleton Square.

CATARINA LEITÃO [Estugarda, 1970]
***Paisagem Instável #8* | 2017**
Descrição: MDF, madeira, tinta acrílica e alumínio
Dimensões: 159 x 150 x 30 cm
Valor de aquisição: 4 920, 00 €

Fundamentação: O trabalho de Catarina Leitão investiga as possibilidades espaciais do desenho. Esta pesquisa é tecida na relação da humanidade com a natureza e na própria forma como esta natureza é definida em oposição à cultura, quando a natureza, na realidade, é cada vez mais cultural. A sua obra é geralmente exposta em

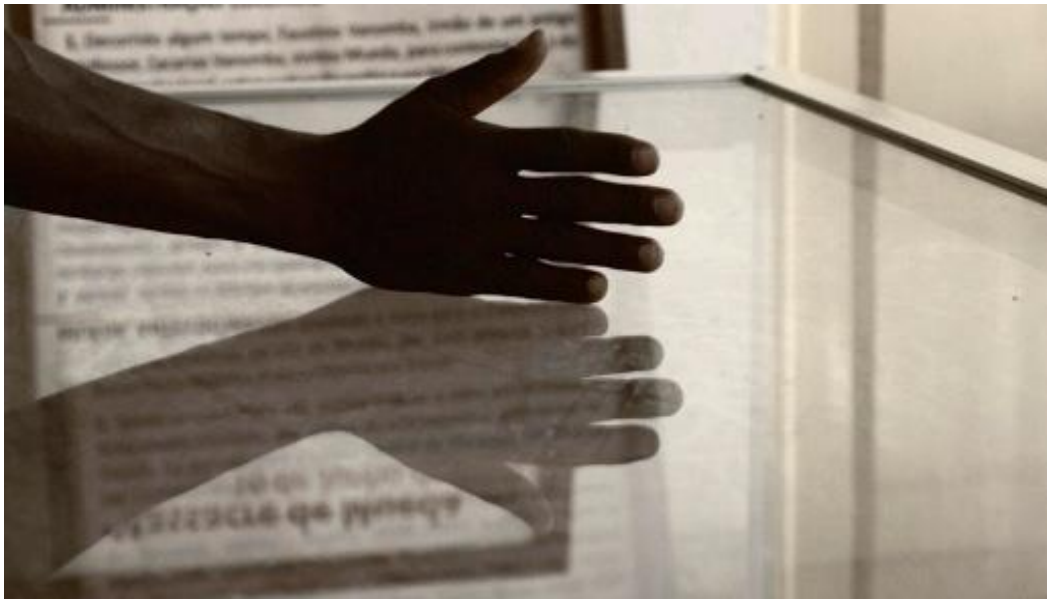
formato de “instalação”, recorrendo à escultura e ao desenho. O seu corpo de trabalho inclui também publicação e edição de livros de artista. A obra escolhida, *Paisagem Instável*, é parte de uma exposição com o mesmo nome, em que o seu interesse em torno do vocabulário do desenho, é transposto para a escultura, através de planos de cor e linhas tridimensionais. Catarina Leitão tem exposto profusamente, tanto em contexto nacional como internacional, tendo sido galardoada com inúmeros prémios e residências artísticas internacionais.

CATARINA LOPES VICENTE [Lisboa, 1991]
***Sem título* | 2022**
Descrição: Óleo sobre papel
Dimensões: 164 x 143 cm
Valor de aquisição: 1 800,00 €

Fundamentação: Catarina Lopes Vicente tem uma prática muito alicerçada no domínio do desenho. Concluiu a sua licenciatura em Artes Plásticas pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha em 2013 e concluiu o mestrado em Artes Plásticas na mesma instituição, em 2015. Nas suas obras, combina frequentemente elementos plásticos abstratos e/ou caracteres simples e signos, que desenham objetos de uma forma simples mas que nem sempre se torna possível identificar. Num registo devedor da herança do trabalho de autores como José de Guimarães e Jorge Martins, por vezes, as suas composições ganham uma semelhança formal com a constituição de um vocabulário ou apresentação de um alfabeto. De diferente natureza, mas também exemplificativo de uma outra linha de investigação plástica da artistas, o desenho *Sem título*, de 2022, é apenas preenchido pelo registo de uma forma abstrata que ocupa a totalidade da composição e que parece resultar da inscrição e tradução visual e performativa de um gesto ou ação sobre a superfície do papel.

CATARINA SIMÃO [Lisboa, 1972]

***Catarina Dias - Ntimbe Caetano* | *The Mozambique Archive Series* | 2016**
Vídeo (HD), cor, som estéreo, 29'
Valor de aquisição: 2 500, 00 €



***Effects of Wording* | *The Mozambique Archive Series* | 2014**
Vídeo (HD), cor, som estéreo, 29'
Valor de aquisição: 2 500, 00 €

Fundamentação: Catarina Simão tem um percurso internacional assinalável com um trabalho artístico de cariz ensaístico, que faz uso de documentação histórica, da palavra escrita, vídeo e desenho. Nas últimas décadas tem trabalhado com a noção de Arquivo, em específico com arquivos relacionados com a história da independência e luta anticolonial moçambicana. A peça selecionada, um conjunto de vídeos, decorre dessa pesquisa aprofundada. Num dos vídeos, *Ntimbe Caetano*, a pesquisa é a partir dos arquivos da história política da Frente de Libertação de Moçambique, e no outro, *Effects of Wordin*g, Simão joga com a própria noção de arquivo, a sua função e promessa de fixação da verdade, realçando as leituras históricas por vir e a possibilidade de infidelidade, isto é, quando uma simples troca de palavras pode deturpar o sentido, supostamente, verdadeiro.

DALILA GONÇALVES [Castelo de Paiva, 1982]

***O Tempo dos Outros às vezes é o Meu* | 2019**

Descrição: Arquivadores metálicos com senhas de “esperar a vez” usadas.

Dimensões: 20 x 740 x 12 cm

Valor de aquisição: 8 500, 00 €

Fundamentação: Dalila Gonçalves é uma artista com um percurso nacional e internacional muito consistente com um foco na exploração plástico-poética de materiais e objetos quotidianos. Como em muitas das suas obras, a peça selecionada parte de uma colaboração com membros do público, uma colaboração que dá forma à obra. Neste caso, a colaboração deu-se com funcionários de uma loja histórica da baixa do Porto, a Drogaria Rocha Leitão. Mantendo um gesto quotidiano, o de arquivar senhas que registam a ordem de atendimento ao balcão, Dalila Gonçalves apenas substituiu o suporte arquivador, e ao longo de 18 meses, em conjunto colecionaram esses pequenos papéis, que depois foram organizados pela artista de uma forma singela, acentuando, a partir desse pequeno gesto e vestígio material, o ininterrupto passar do tempo.

DÉLIO JASSE [Angola, 1980]

***Sem título #4* | 2021**

Descrição: Impressão digital sobre tecido voile, a preto e branco, a partir de fotografia original em gelatina e sais de prata

Dimensões: 145 x 100 cm

Valor de aquisição: 6 760,08 €

Fundamentação: Natural de Angola, Délio Jasse vive atualmente em Milão. Na sua prática artística, trabalha sobretudo a partir da apropriação de imagens registadas em Angola e Moçambique que nos reportam ao período colonial. Estabelecendo diálogos entre imagens e a memória, destaca frequentemente processos de arquivo e classificação de documentos salientando igualmente aspetos outrora considerados secundários ou pouco relevantes nas imagens fotográficas que seleciona. Nesta série de trabalhos a que pertence *Sem título #4*, Délio Jasse apresenta uma imagem convencional de um casamento, abordando este acontecimento sobre um outro ponto de vista. A presença da bandeira portuguesa impõe-se, abrindo novos sentidos e possibilidades de constituir leituras alternativas sobre a realidade representada.

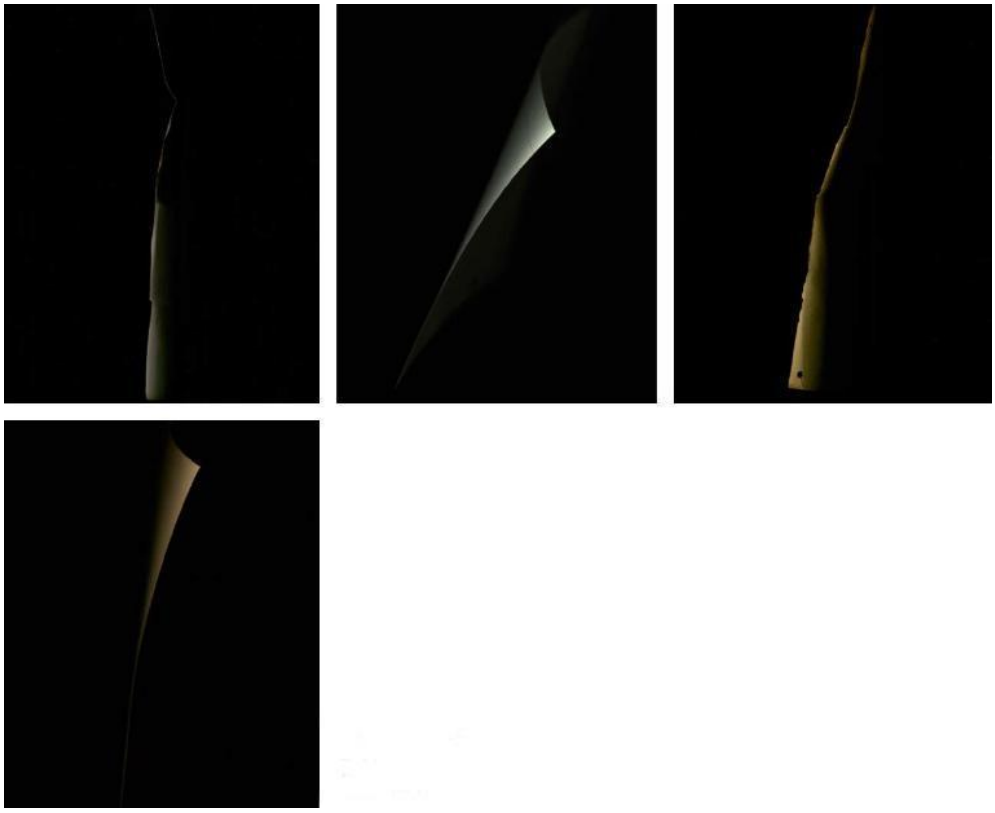
EDGAR MARTINS [Évora, 1977]

Letter of Departure* | 2014-2017. Da série *Siloquies and Soliloquies on Death, Life and Other Interludes

Descrição: Impressão cromogénea montada em alumínio (4 elementos). Ed. 3/3 + PA

Dimensões: 40 x 50 cm (cada)

Valor de aquisição: 11 175,20 €



Fundamentação: O trabalho de Edgar Martins tem-se pautado pela exploração dos limites representacionais da fotografia e o dilema ontológico histórico da imagem, entre verdade e representação. Nos últimos anos, o seu trabalho tem-se debruçado sobre realidades complexas, desenvolvendo um questionamento sobre as (im)possibilidades da representação fotográfica, através de projetos longos de investigação e criação em temas como a morte ou a prisão. A obra *Letter of Departure*, pertencente à série *Siloquies and Soliloquies on Death, Life and Other Interludes*, integra o trabalho realizado, ao longo de três anos, no Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses, Lisboa, a partir de imagens e documentos sobre mortes violentas. Entre o arquivo da instituição, as imagens realizadas pelo autor, e imagens do seu acervo pessoal, foi construído um longo itinerário visual sobre a morte e o corpo morto, um dos temas coevos da invenção da fotografia. A relação entre a morte e a imagem fotográfica tem

um vasto léxico semântico que, quando analisado neste contexto forense, torna possível uma nova abordagem do seu significado entre o rigor da análise médica e judicial e a natureza existencial e ficcional do tema. Edgar Martins, a exemplo de outros projetos mais recentes, como *What Photography has in Common with an Empty Vase*, (2016-2022) em que trabalhou o tema da prisão, tem privilegiado a reflexão ética, social e política da imagem fotográfica e questionado qual o seu papel nos modelos representacionais da realidade sendo, por isso, um trabalho de enorme atualidade que continua a aprofundar os problemas documentais da imagem fotográfica.

FLÁVIA VIEIRA [Braga, 1983]

***Hair Sculpture* | 2021**
Descrição: Cerâmica e latão
Dimensões: 87 x 96 x 47 cm

Valor de aquisição: 9 500, 00 € (Obra 1, 2 e 3)

***Bad Hair Day* | 2021**

Descrição: Cerâmica e latão

Dimensões: 164 x 47 x 46 cm

***Woman with Hair* | 2021**

Descrição: Cerâmica e latão

Dimensões: 198 x 30 x 3 cm

Fundamentação: Flávia Vieira é uma artista com um percurso nacional e internacional muito relevante, operando particularmente entre Portugal e o Brasil. O seu trabalho parte de narrativas históricas, políticas e culturais que atravessam a relação entre estes dois países e geografias, explorando identidade coletiva e culturas vernaculares que são transpostas para a sua prática artística através de tecnologias e materiais têxteis e cerâmicos, assim como vídeo. A obra selecionada, uma série de esculturas em latão e cerâmica, confronta os materiais e os distintos modos de os trabalhar. O processo artístico de Flávia Vieira regressa a uma manualidade da criação artística, manualidade essa que tem sido mantida no fazer artesanal, isto é, nas práticas do artesanato, na tecelagem ou olaria, a que muitos artistas contemporâneos têm hoje em dia regressado. Na sua produção artística essa manualidade é tanto técnica como temática, e é disso que se trata nesta obra.

GONÇALO PRETO [Lisboa, 1991]
***Tenderness* | 2019**
Descrição: Óleo sobre papel
Dimensões: 53 × 70 cm
Valor de aquisição: 3 000,00 €

Fundamentação: Gonçalo Preto é um jovem artista com um percurso ainda recente, contudo já destacado. Para além da obra que tem sido mostrada em feiras de arte

internacionais de relevo, irá iniciar estudos este ano nos Estados Unidos com uma bolsa Fulbright atribuída pela Fundação Carmona e Costa. A sua pintura caracteriza-se pelo detalhe e rigor técnico que é explorado ao limite sem qualquer pudor de academismo ou vaidade formal, construindo imagens com atmosferas misteriosas e tensas, ricas no detalhe, com composições que chamam a nossa atenção e prendem o olhar.

HENRIQUE PAVÃO [Lisboa, 1991]
***One Last Longing* | 2020**
Descrição: Vídeo HD (p/b e cor, som, 8’18 ’’). Ed. 5 + 1 AP PA
Valor de aquisição: 8 000,00 €

Fundamentação: Com uma nomeação para o Prémio Novo Banco Revelação, em 2016, a participação na Ano Zero’17, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, uma nomeação para o Prémio Novos Artistas Fundação EDP, em 2019, e bolsas de investigação atribuídas pela FLAD (2022), Fundación Marcelino Botín (2021), Royal Academy of Arts Stockholm (2016) e Fundação Calouste Gulbenkian (2015), Henrique Pavão tem vindo a desenvolver um percurso que, apesar de ainda recente, se mostra invulgarmente conciso e rigoroso. Denotando um interesse pelas complexidades inerentes à relação entre as ideias de tempo e espaço, tem vindo a desenvolver uma interessante investigação (na área da imagem e, particularmente, através do uso da

fotografia e do vídeo) sobre questões de duração e perenidade. Interessam-lhe os mecanismos de edificação da memória e ao seu trabalho são comummente associadas questões em torno da perda, da entropia e do anacronismo. A sua obra desenvolve-se transdisciplinarmente, fixando-se em vários suportes e tipologias (da escultura ao filme, da fotografia ao som, do vídeo à luz ou à escrita), demonstrando frequentemente um interesse pelos próprios processos e mecanismos inerentes a cada meio, naquilo que de significante transportam consigo (enquanto processos de registo temporal e histórico). A obra agora selecionada (*One Last Longing*) foi concebida enquanto ensaio visual para a revista Wrong Wrong, durante o período pandémico, e resulta de uma reflexão poética em torno de uma ideia de contenção e de passagem do tempo.

IGOR JESUS [Lisboa, 1989]
***POV*. | 2015**
Descrição: Full HD, cor, som, loop. 1’42’’. Ed. 2/3 + 1 PA/AP
Valor de aquisição: 6 870,00 €

Fundamentação: *POV* de Igor Jesus é um vídeo onde, num plano fixo, uma coluna de som cai a alta velocidade em queda livre a mais de 5000 pés de altitude até colidir com impacto no solo, dando a impressão que a terra é que cai num turbilhão enquanto

a coluna se mantém imóvel. A força da gravidade é aqui o operador da obra que Igor Jesus proporciona que aconteça, onde imagem e som são manipulados por essa força invisível. Há um forte jogo óptico na imagem apresentada quase hipnótica, onde somos levados a ir nessa queda como somos levados quando ouvimos uma música que gostamos a ser reproduzida por uma coluna de som e o nosso olhar e corpo se fixam perante a mesma. É um bom exemplo da tensão que as obras de Igor Jesus criam, o artista que habitualmente trabalha com som e vídeo, explorando de forma experimental a relação entre som e imagem, onde o cuidado com a escolha dos suportes e os ambientes criados para a exibição das suas obras de forma a potenciar a sua experiência são de destacar. Igor Jesus é um dos artistas com mais relevo de uma nova geração em Portugal. Foi nomeado para o Prémio Novos Artistas Fundação EDP em 2017, teve obra representada no Artists' Film International 2016, e apresentou exposições individuais na Escola das Artes – Porto, no Rialto6, na Galeria Filomena Soares, Atelier-Museu Júlio Pomar, por exemplo. Está representado nas principais coleções de arte nacionais.

INÊS BOTELHO [Lisboa, 1977]

***3 momentos / 3 lugares* | 2011**

Descrição: Madeira (pinho), verniz sobre madeira, tinta de água sobre chão, parede e teto

Dimensões: 490 x 585 x 220 cm

Valor de aquisição: 7 600,00 €

Fundamentação: Inês Botelho iniciou o seu percurso artístico no final da década de 90. Em 2005, concluiu o Master em Fine Arts no Hunter College da City University de Nova Iorque, após ter concluído a licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Apesar de ter hoje um percurso mais discreto, Inês Botelho ganhou visibilidade com a nomeação para o Prémio Novos Artistas Fundação EDP, em 2003. Como surge exemplificado em *3 momentos / 3 lugares*, o que tem caracterizado melhor o seu trabalho no domínio da escultura e instalação é a dimensão espacial quase arquitetónica das suas intervenções. Pautadas pela apresentação de formas muito elementares, estabelecem uma relação muito direta com a escala, com o corpo e com a dimensão espacial dos lugares e dos objetos. Se existe nelas uma consciência da força da gravidade e da fisicalidade da matéria, há simultaneamente uma atenção ao plano da idealização e da exploração do desenho geométrico das coisas, que subverte os conceitos elementares da física.

ISABEL CORDOVIL [Lisboa, 1994]

***There won't be any miracles for us* | 2020-2021**

Descrição: Impressão digital a jato de tinta, a cores, sobre papel Fine Art

Dimensões: 70 x 50 cm

Valor de aquisição: 2 650,00 €

Fundamentação: Isabel Cordovil pertence a uma jovem geração de artistas que desenvolve um trabalho em vários *media*, desde a escultura, instalação, pintura e fotografia, com uma consciência crítica sobre os modelos de autoritarismo de género, religiosos, sociais e estéticos, e uma posição de reivindicação sobre a identidade de género e as questões feministas. A presente obra, *There won't be any miracles for us* recorre, como muitas outras, a uma (re)significação de objetos do quotidiano ou institucionais, realizando assim uma crítica político-social. Dois testes gravidez negativos, de duas amantes, é emoldurado e transformado em ícone de uma condição de género, a quem podem ser sempre negados direitos, justificados pelas leis da biologia ou da religião. O recurso à ironia e ao absurdo são linguagens cruciais no desenvolvimento do seu trabalho, revelando uma importante (re)evocação dos anos oitenta, deste modelo de observação e criação na contemporaneidade da arte portuguesa.

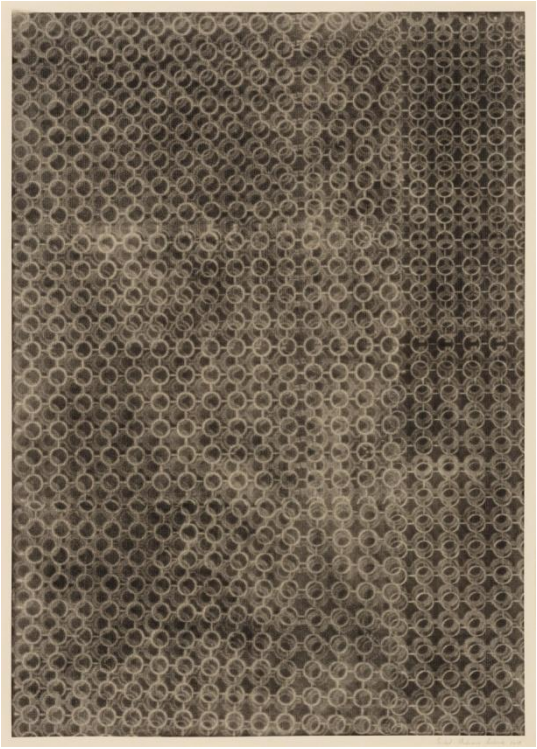
ISABEL MADUREIRA ANDRADE [Ponta Delgada, 1991]

***Sem título* | 2018**

Descrição: Óleo sobre papel Ingres

Dimensões: 70 x 51,3 cm (emoldurado)

Valor de aquisição: 1 040,00 €



Fundamentação: Embora com um percurso ainda discreto, Isabel Madureira Andrade tem desenvolvido uma interessante investigação em torno sobretudo da prática da pintura, com especial relevo para uma tentativa de questionamento acerca da sua condição representacional. Herdeira de uma tradição próxima da abstração e das suas várias declinações, tem desenvolvido uma pintura que assenta numa base geométrica (onde o desenho desempenha um importante papel) e que requer do observador um tempo particularmente demorado para a observação. Através do recurso à grelha e à repetição de padrões ou motivos geométricos, constrói imagens ilusórias, falsas, que desafiam a perceção. A aparência, o aspeto visual, o efeito ótico e háptico que têm sobre o espectador revelam-se na sua própria condição de ilusão: as simetrias são incompletas, as grelhas assentam afinal em cruzamentos de linhas diagonais ou elípticas, os côncavos e convexos são afinal resultado da sobreposição de sucessivos planos cromáticos. Com licenciatura e mestrado em Pintura (pela FBAUL), Isabel Madureira Andrade foi finalista do Prémio Novos Artistas Fundação EDP, em 2019

(tendo-lhe sido atribuída uma menção honrosa) e em 2021 foi-lhe atribuído o Prémio Fundação Millennium bcp – Talento Emergente. O seu trabalho está representado em inúmeras coleções públicas e privadas, e a obra agora selecionada (Sem título) constitui-se como um excelente exemplo da sua prática.

JOANA VILLAVERDE [Lisboa, 1970]
***Oxi II* | 2019**
Descrição: Óleo e grafite sobre papel
Dimensões: 155 x120 cm (aprox.)
Valor de aquisição: 6 000,00 €

Fundamentação: Joana Villaverde expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro desde 1998**.** Ao longo do seu percurso realizou igualmente várias residências artísticas. Em 2014, foi artista residente na Guest House da Fundação Qattan em Ramallah, na Palestina; e em 2010, bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, numa residência artística no espaço Location One, em Nova Iorque. Joana Villaverde trabalha em diferentes linguagens, materiais e suportes, como a pintura a óleo, o desenho e o vídeo. A peça *Oxi II*, que representa um canídeo, faz parte de uma série de trabalhos apresentados

na exposição *Looking at Animals*, no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, em 2020. Para a sua realização, a artista cruzou diferentes referências: o ensaio de John Berger, “Porquê Olhar os Animais?”, foi uma fonte de inspiração e motivo de reflexão sobre a forma como nos relacionamos com os outros seres; e existem igualmente alusões ao contexto sócio político europeu mas também ao quotidiano doméstico. Com efeito, a artista usou como modelo a sua cadela, cujo nome, OXI, de origem grega, constitui um advérbio de negação, recorrentemente usado para rejeitar as políticas económicas europeias na Grécia. Joana Villaverde vive e trabalha em Avis, no Alentejo, desde 2012. Em 2018, abriu o seu atelier Officina Mundi, sendo responsável pela programação pública. A sua trajetória nas artes visuais decorre paralelamente às colaborações artísticas que desenvolve na área do teatro, no âmbito da criação cenográfica.

JOÃO FERRO MARTINS [Santarém, 1979]

***Composição Conjugal* | 2013**

Descrição: Madeira, esmalte sobre madeira, tinta plástica sobre cabo de vassoura, colchão, copos de vidro, ratoeira, rodízios, dobradiças de latão.

Valor de aquisição: 10 000,00 €

Fundamentação: João Ferro Martins formou-se na ESAD, Caldas da Rainha e tem vindo a desenvolver uma relevante carreira internacional, com uma obra de maior enfoque na escultura, performance e música. *Composição Conjugal* consiste na justaposição de diversos materiais em estado bruto, ostentando a aparência geral de um piano, entretanto disfuncional e votado a um mutismo e isolamento indeléveis, ao ser ocupado por um colchão, pela conversão das teclas em copos virados do avesso, ou quando o pedal adquire o aparato de uma ratoeira. A ênfase na manufatura e na nudez da composição denota um gesto iconoclasta, incidindo sobre um instrumento que é a epítome de uma cultura assente na sublimação, que deve ocultar quaisquer indícios de matéria corpórea, de desejo e de espírito comunitário. Esta obra foi apresentada na exposição Prémio Novos Artistas Fundação EDP, em 2013.

JOÃO MARÇAL [Santarém, 1980]

***Rocha Vermelha* | 2019**

***Parede de Gelo* | 2019**

Descrição: Acrílico sobre linho (2 elementos)

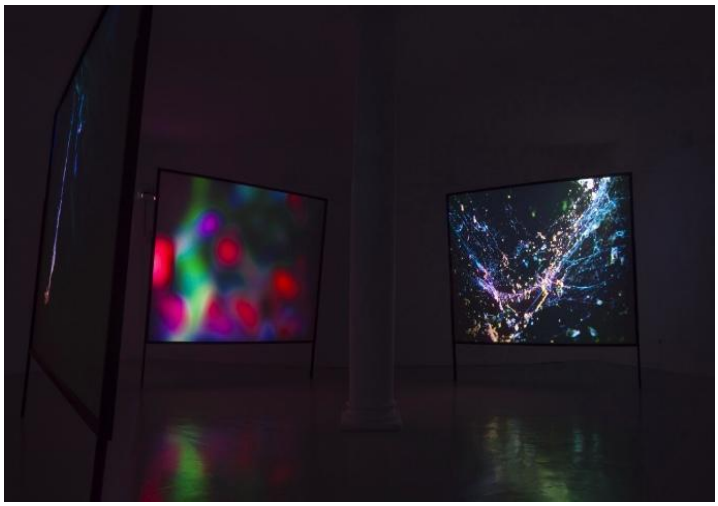
Dimensões: 290 x 210 cm (cada)

Valor de aquisição: 12 800,00 €

Fundamentação: *Rocha Vermelha* e *Parede de gelo* são duas pinturas de grande dimensão apresentadas numa das mais recentes exposições individuais do artista João Marçal na galeria Quadrado Azul em Lisboa. Estas são apresentadas nas palavras do artista "como duas forças opostas que se equilibram", dois grandes retângulos com cores complementares, um quente outro frio, onde o artista se apropria de padrões têxteis provenientes dos assentos de transportes públicos que fazem a ligação entre a cidade e o meio rural. Na obra mais recente do artista a apropriação destes padrões tem sido comum, contudo o gesto artístico não está apenas nessa transposição, mas na reprodução detalhada dos padrões e das texturas pelo uso poderoso da cor e exploração das texturas das telas usadas. Na escolha destes padrões há sempre uma história, uma experiência vivida pelo artista, como um desbloqueador de memória ou uma reflexão sobre as diferenças sociais e culturais

das periferias. No caso destas duas pinturas, onde observa e reflete sobre o seu meio e a prática da pintura no confronto com o plano vertical da tela, numa relação física e na forma como a imagem se constrói e dá a ver – do fragmento ao todo, do todo ao pormenor – faz uma analogia ao universo da escalada através dos seus títulos. João Marçal tem obra representada nas principais coleções nacionais, tem exposto o seu trabalho frequentemente, em 2017 foi residente na Residency Unlimited em Nova Iorque, e atualmente é doutorando em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

JONATHAN ULIEL SALDANHA [Porto, 1979]
***Anoxia* | 2017**
Descrição: 3 canais vídeo, som 4.1
Valor de aquisição: 13 920, 00 €



Fundamentação: Jonathan Uliel Saldanha tem desenvolvido uma carreira idiossincrática e particularmente atenta às manifestações de possível intersecção entre vários territórios artísticos – da música à imagem, da luz à presença de objetos, do som ao movimento – afastando-se das construções narrativas lineares e explorando universos especulativos de grande imersão. Em intervenções de grande efeito cénico e cenográfico, tem demonstrado um interesse particular por uma certa ideia de ancestralidade e por práticas rituais ou ritualistas, convocando muitas vezes a participação do espectador. Em alguns casos, as suas criações resultam de uma sintética e sofisticada articulação entre paisagem natural e paisagem artificial, permitindo a conjugação de universos aparentemente distintos, conduzindo o

espectador para geografias e sensibilidades vulgarmente distantes. Conceitos como “estranheza” ou “irreconhecibilidade”, resultantes do recurso a efeitos repetitivos e hipnóticos de perturbação sensorial, parecem articular-se com uma certa ideia de familiaridade, e transformam o seu trabalho num enigma em permanente tentativa de descodificação. A obra selecionada (*Anoxia*) foi concebida e apresentada, em 2017, no âmbito da Ano Zero’17 - Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra.

LEA MANAGIL [Lisboa, 1991]

***Scratch* | 2020**

Descrição: Microfone, tripé de microfone, amplificador, dedo indicador feito de silicone, unha postiça, mini motor DC

Dimensões: 160 x 60 x 60 cm

Valor de aquisição: 1 500,00 €

Fundamentação: Lea Managil conta com um considerável percurso artístico, sendo de salientar a sua colaboração com o coletivo Las Palmas. A sua formação em pintura e música é notória numa obra que inclui a dimensão performativa, aquando da colisão de elementos objetuais com matérias sonoras disruptivas. *Scratch* consiste no encontro inusitado de um dedo de silicone com um microfone, provocando a sinistra textura sonora da sua fricção. Remetido para a sua matéria objetual, o microfone perde a capacidade de projeção da voz humana, cujo glamour alimenta a indústria do

espetáculo. Invertendo o contacto de Deus e Adão, *Scratch* abafa o diáfano da voz amplificada até ser manifestada a espessura do real, enquanto o corpo se resume a um fragmento incorpóreo.

LEONOR ANTUNES [Lisboa, 1972]
***Tapete* | 2006**
Descrição: Cobre
Dimensões: 500 x ø10 cm
Valor de aquisição: 64.000,00 €

Fundamentação: Distante do contexto nacional quase desde o início da sua carreira, Leonor Antunes tem desenvolvido um muito interessante e inquestionavelmente relevante percurso internacional, tendo tido a possibilidade de desenvolver projetos em contextos expositivos e geográficos muitíssimo distintos. Perseguindo uma ideia de construção de identidade em diáspora, num mundo globalizado e interconectado em tempo real, a artista mantém uma especial atenção à relevância da mobilidade, da

mutabilidade, da transdisciplinaridade, bem como ao papel que as intersecções históricas e culturais pessoais e coletivas que daí resultem pode assumir no contexto da sua prática, permitindo-lhe conferir ao seu processo escultórico uma natureza distintiva. Interessando-se pela história da arquitetura, do design e da arte do século XX, reflete sobre a função dos objetos do quotidiano, avaliando o potencial das formas modernistas para se tornarem esculturas, procedendo a uma investigação acerca dos valores codificados e dos conceitos intrínsecos a esses objetos para os transformar em obras de arte. A obra agora selecionada (*Tapete*) foi concebida e apresentada em 2006, no âmbito de uma exposição no Centre Culturel Calouste Gulbenkian, em Paris, e decorre (como habitualmente no seu trabalho) da investigação acerca das dimensões históricas, culturais e sociopolíticas daquele espaço ou lugar específico. A obra era apresentada no chão, no início do percurso expositivo e remetia para dois tapetes persas que originalmente tinham ocupado esse lugar. A artista cria uma instalação utilizando cinco tubos de cobre, que remetem para a aparência dos tapetes enrolados quando guardados em depósito nas reservas do Museu Calouste Gulbenkian. O espaço arquitetónico era agora ‘ativado’ pela presença da obra, estabelecendo com este uma relação intersticial, transformadora, permitindo à arquitetura parecer adquirir uma dimensão quase performativa.

LUCIANA FINA [Itália, 1962]

***Terceiro Andar* | 2015-2020**

Descrição: Instalação vídeo em dois canais, cor, som, 27'. Ed. 1/3

Valor de aquisição: 10 000,00 €

Fundamentação: O cinema de Luciana Fina caracteriza-se por uma dimensão de pesquisa histórica, social e política, e por uma abordagem artística neomarxista, no quadro de uma estética fortemente marcada pelo pensamento italiano semiótico e comunicacional da década de 70. O seu olhar sobre a cultura e a realidade portuguesas tem sido regido por uma capacidade de observação, diálogo e entendimento que se revela de forma plena na obra *Terceiro Andar*. Partindo dos microcosmos do seu prédio, no Bairro das Colónias, em Lisboa, a artista realiza um trabalho sobre a importância da linguagem para a defesa da identidade, no interior de uma família oriunda da Guiné-Bissau. Duas gerações, mãe e filha, dialogam sobre a importância do amor e da felicidade, enquanto questionam qual o sentido cultural da linguagem na comunicação das memórias, e de que forma se pode resistir à sua aculturação. *Terceiro Andar*, constitui um importante contributo para a reflexão sobre a construção da identidade no contexto pós-colonial português, sendo por isso uma obra de relevância para este tema na arte portuguesa.

LUÍS PAULO COSTA [Abrantes, 1968]

***À Espera* | 2020**

Descrição: Óleo sobre impressão digital a jato de tinta, a cores, em tela

Dimensões: 120 x 170 x 4 cm

Valor de aquisição: 9 200,00 €

Fundamentação: Luís Paulo Costa conta com um longo e relevante percurso artístico, centrado na colisão da apropriação fotográfica com a linguagem da pintura. Em *À Espera* todo o espaço é ocupado por um gradeamento, cujo limite superior é visível apenas pela sombra projetada que, estatelada no chão, dissemina a sua opacidade para aquém do perímetro da tela. Bloqueando a hipótese de uma janela para o terreno do imaginário, o gradeamento instaura uma regressão em que a perda das coordenadas provocam uma vertigem irredutível. Expulsar os cidadãos da pintura corresponde à circunscrição do seu próprio espaço físico, permanecendo assim alheados dos acontecimentos sociais e políticos, e remetidos para um estado kafkiano de perpétua espera.

LUÍSA CORREIA PEREIRA [Lisboa, 1945-2009]

***O vulcão* | 1999**

Descrição: Acrílico sobre tela

Dimensões: 160 x 130 cm

Valor de aquisição: 17 000,00 €

Fundamentação: Luísa Correia Pereira dedicou-se à gravura, ao desenho e à pintura, produzindo uma obra singular de grande valor plástico pautada pela figuração. Ativa desde a década de setenta, o seu reconhecimento institucional só aconteceria no novo século, primeiro com a exposição *Fiat Lux: Paris–Lisboa*, datada de 2003, organizada pela Fundação EDP em colaboração com o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, e mais tarde com a exposição *A convocação de todos os seres* , organizada em 2014 na Culturgest. Com estas iniciativas a sua obra foi redescoberta. No contexto da arte portuguesa, a obra de Luísa Correia Pereira destaca-se pela singularidade e expressividade plástica, exuberante, e pela dimensão lúdica da sua abordagem, pouco comum nas práticas artísticas da sua geração. Do seu núcleo de trabalho fazem parte duas importantes séries, *Jogos Infantis* e *Desportos e Jogos*, onde esse fascínio se revela muito expressivo. E com efeito, nos seus trabalhos conjugam-se humor, ironia, erotização, com reiteradas sugestões visuais a processos

de metamorfose que situa no mundo animal, território da sua eleição. A peça *O vulcão* representa a montanha, motivo também muito presente nas obras da artista. Integrou o projeto "Tratamento Plástico das Futuras Estações do Metropolitano de Lisboa" e tem o peso simbólico de constituir uma das últimas peças da artista, muito possivelmente a última.

MANÉ PACHECO [Portalegre, 1978]

***Bender* | 2022**

Descrição: Borracha natural, cordas de poliamida, ferragens de metal (aço zincado, aço inox, zamack niquelado), correntes de aço zincado (5 elementos).

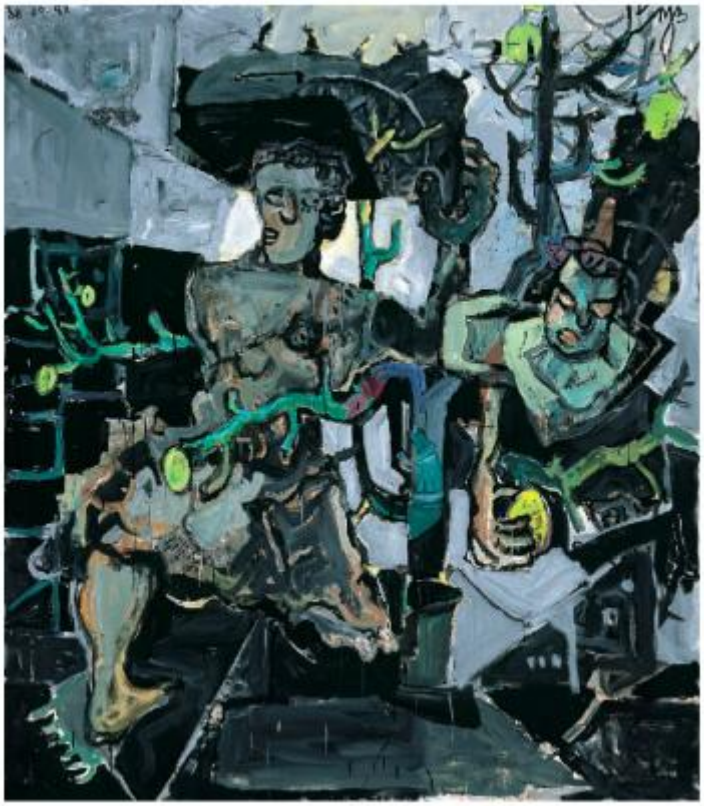
Dimensões: Instalação 600 x 150 x 70 cm (aprox.)

Valor de aquisição: 4 428,00 €

Fundamentação: Mané Pacheco conta com um relevante percurso artístico, através de uma obra escultórica que reflete as suas áreas de formação em artes plásticas e conservação da natureza. *Bender* surge com o aparato de um esqueleto suspenso no ar, que vai adquirindo graciosidade no seu movimento descendente, passando a

revelar-se como segunda pele de um corpo ausente. Enquanto os materiais escultóricos podem remeter para práticas sadomasoquistas, o corpo que modelam manifesta uma leveza que dilui os limites do seu território. *Bender* torna reversíveis todas as noções de estrutura e superfície, de interior e exterior, numa época em que a plenitude do ser é atingida apenas sob a proteção de espartilhos - encarados como o único garante de criação da liberdade.

MANUEL BOTELHO [Lisboa, 1950]
***Sumo de cortiça – Black Lemons* | 1988-1992**
Descrição: Óleo sobre tela
Dimensões: 204 x 177,5 cm
Valor de aquisição: 15 000,00 €



Fundamentação: Manuel Botelho é um artista com uma presença muito relevante no panorama artístico contemporâneo em Portugal. Para além do seu longo percurso enquanto artista, está representado em importantes coleções e o seu trabalho é

exibido com regularidade em exposições individuais ou coletivas, tanto em galerias de arte como em instituições. Enquanto docente na Faculdade de Belas Artes de Lisboa marcou várias gerações de estudantes, alguns hoje artistas, que afirmam a importância de terem sido seus alunos no seu percurso. A sua prática é transdisciplinar, desdobra-se pelo desenho, fotografia, instalações e pintura, mas a sua abordagem de temáticas sociais e autobiográficas unifica e afirma o longo percurso que tem vindo a construir, sempre ativo e atento ao mundo que o rodeia. A obra *Sumo de cortiça – Black Lemons* é uma pintura de grande dimensão com forte gestualidade e expressão das formas. As figuras fragmentam-se em diferentes elementos sobrepondo-se a diferentes formas, de linhas e recortes contrastados entre cores escuras e ácidas, fortes texturas e vazios homogéneos. Trata-se de uma imagem visualmente rica e de forte impacto sensitivo. É uma obra relevante no percurso do artista onde estão afirmadas as características conceptuais transversais à sua obra e a herança do neorrealismo bem como a obra de artistas que o influenciam e sobre quem escreveu, como Piero della Francesca, Philip Guston ou Picasso.

MANUELA MARQUES [Tondela, 1959]

***Sísmico* | 2019**

Descrição: Impressão digital a jato de tinta pigmentado, sobre papel Canson Infinity Baryta. Ed. 3 + PA

Dimensões: 120 x 170 cm

Valor de aquisição: 9 000,00 €

Fundamentação: O percurso artístico de Manuela Marques tem sido realizado em França, onde reside, sendo pouco conhecido em Portugal, o seu vasto trabalho fotográfico. É assinalável a singularidade da sua obra, no contexto da fotografia portuguesa, assumindo um evidente pendor plástico da imagem fotográfica, mas redefinindo também o lastro histórico da ambivalência fotográfica entre técnica e estética. O seu trabalho tem-se centrado, nas duas últimas décadas, na esfera geológica e telúrica da natureza, e nas propriedades materiais que partilham com a imagem fotográfica. A obra *Sísmico*, faz parte de um corpo de trabalho desenvolvido no arquipélago dos Açores, que se debruça sobre a natureza científica da formação da terra, ao mesmo tempo que enuncia a qualidade metafísica da sua abstração. Os seus

trabalhos, no qual este se inclui, são realizados através de processos longos de observação, perceção e conhecimento, com uma metodologia de revelação, comum ao processo fotográfico, mas também às ciências do conhecimento da terra. A aquisição desta obra representa, portanto, um momento particularmente importante do trabalho da artista e colmata a sua falta de representatividade na coleção nacional.

MARIA CAPELO [Lisboa, 1970]
***Sem título* | 2021**
Descrição: Óleo sobre tela
Dimensões: 180 x 195 cm
Valor de aquisição: 8 610,00 €

Fundamentação: Maria Capelo tem tido um percurso discreto, mas contínuo, no desenho e na pintura, com exposições regulares em Portugal e noutros países e com presença em várias coleções relevantes. Na pintura trabalha sempre com óleo e com o mesmo formato desde há muito. Move-se no território da paisagem, tema pictórico maior da história da arte, que, no entanto, visita de forma simultaneamente humilde e desassombrada. Pinta numa escala que permite uma relação corpo a corpo com os quadros: não sublimando a paisagem, nem a diminuindo. Embora nenhuma paisagem

seja real, elas partem de um lugar específico, que a pintora costuma fotografar para mais tarde usar as fotografias como instrumento de trabalho. A pintura que resulta, porém, não reproduz o lugar, antes o transforma, não para uma sua qualquer versão idealizada, mas funcionando como mais uma etapa de manipulação e intervenção humana na paisagem, tal como ocorre já em toda a superfície terrestre. Por outro lado, como a própria pintora afirma, a paisagem «contém em si uma transformação contínua e, ao mesmo tempo, um sentido de permanência, que contém um tempo muito longo», o que lhe permite a ambivalência de pintar sempre o mesmo tema sem nunca voltar ao mesmo lugar ou ao mesmo quadro, numa duração também exigida pela tinta a óleo. Há também uma relação com as imagens de algum cinema e de alguma literatura de paisagens onde se passam as histórias filmadas ou narradas. É sintomático que a artista escolha o moto de Straub, «não inflaccionar a paisagem», para falar dos seus quadros (citações de «Caminhamos na companhia da pintura de Maria Capelo», José Marmeleira, *Público*, 21/2/2022). A obra que se propõe adquirir para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado integrou a exposição *Do planalto se dobra a montanha*, na Galeria Zé dos Bois, e é exemplo maior da maturação do trabalho consistente desta artista.

MARIA LINO [Feital, Trancoso, 1944]

***Sem título* | 2015**

Descrição: Madeira (castanheiro)

Dimensões: 173 x 40 x 29 cm

Valor de aquisição: 17 000,00 €

Fundamentação: A prática artística de Maria Lino confunde-se com a sua vida, ou o modo como escolheu viver, regressando no final dos anos 90 ao Feital, pequena freguesia de Trancoso, que a viu nascer. Confunde-se também com a associação que fundou no início dos anos 2000, a Luzlinar, que se dedica à promoção e divulgação das artes plásticas e performativas, cinema, e ao desenvolvimento de projetos artísticos experimentais focados numa prática integrante com a paisagem. O seu trabalho plástico é, regra geral, no campo da escultura sobre madeira, que Maria Lino aborda de uma forma intuitiva e em comunicação com a matéria, mas tendo como

base pressupostos mentais, ideias, conceitos. A peça escolhida, é talhada diretamente sobre madeira de castanheiro, processo que Maria Lino vê como estético e ético, e que vai sugerindo a forma final, em vez de existir um modelo prévio, dessa forma o processo por assim dizer revela uma essência interior.

MAURO CERQUEIRA [Guimarães, 1982]
***Sem título* | 2021**
Descrição: Cera e pigmento sobre espelho
Dimensões: 205 x 135 cm
Valor de aquisição: 18 000,00 €

Fundamentação: Na sua prática artística, Mauro Cerqueira trabalha frequentemente com diferentes linguagens e suportes físicos: o desenho, a escultura, a instalação, mas também a performance e a pintura constituem meios de expressão para a materialização da sua investigação plástica. Este trabalho, *Sem título* (2021), faz parte de uma série de peças em que o artista trabalha com cera e pigmentos sobre espelho e corresponde ao período mais recente da sua produção artística. Com um percurso muito consolidado, Mauro Cerqueira tem participado em muitas exposições em museus em Portugal e no estrangeiro, assim como em residências artísticas internacionais: em Itália, no Brasil, na Flórida, tendo sido em 2012, bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, na Kunstlerhaus Bethanien em Berlim. Em 2009, foi um dos nomeados ao Prémio Novos Artistas Fundação EDP, tendo recebido uma menção honrosa. Paralelamente à sua atividade artística, Mauro Cerqueira é responsável com André Sousa do espaço independente Uma Certa Falta de Coerência, sediado no Porto, cidade onde vive e trabalha.

MICHAEL BIBERSTEIN [Suíça, 1948-2013]
***Big Drift* | 2010**
Descrição: Acrílico sobre linho
Dimensões: 180 x 300 cm
Valor de aquisição: 44 280,00 €

Fundamentação: Michael Biberstein nasceu na Suíça, estudou pintura nos Estados Unidos da América e viveu mais de trinta anos em Portugal. O seu trabalho pautou-se pelo diálogo com a paisagem e a representação do céu pelos grandes nomes da história da pintura ocidental, mas também com uma extensa aprendizagem com a pintura oriental. No seu trabalho, paisagem e firmamento nem sempre se distinguem, e paira uma indefinição entre a abstração e a representação que deixa o espectador em suspensão contemplativa. A sua obra possui um carácter meditativo que convida à lentidão e ao despojamento da mente. A preferência pelos grandes formatos prende-se também com a necessidade de escala para esse convite à introspecção, mas também para, a partir dela, olhar o mundo. Apesar do agnosticismo do artista, há um potencial de oração nestas obras, não necessariamente a deuses, mas perante o incomensurável. O quadro proposto para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, *Big Drift*, foi pintado em 2010, quando o artista preparava já o «céu» para a Igreja de Santa Isabel, trabalho concluído já depois da sua morte. Esta tela atmosférica é uma obra maior do trabalho de Michael Biberstein que preenche uma lacuna importante na Coleção do Estado.

NÁSTIO MOSQUITO [Angola, 1981]
***Frozen War* | 2010**
Descrição: Video, cor, som estéreo, 6’56”
Valor de aquisição: 14 840,00 €

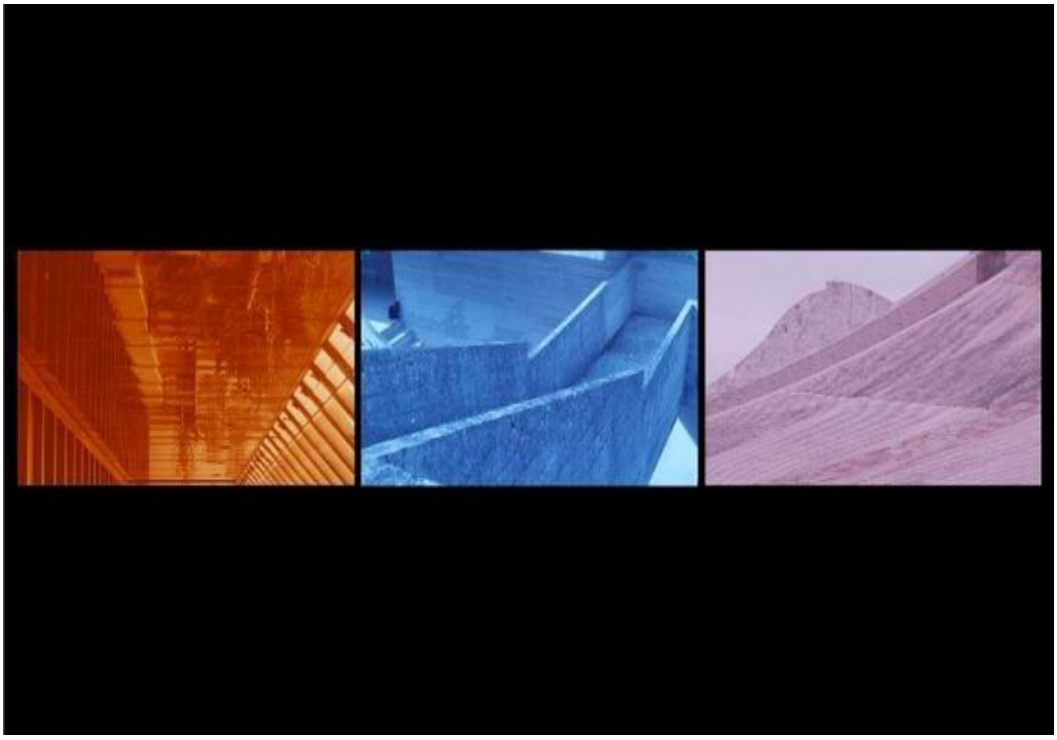
Fundamentação: Nástio Mosquito realizou a sua formação artística e académica em Portugal, e desenvolveu uma carreira internacional enquanto músico, performer e artista plástico. Em *Frozen War,* Nástio apresenta-se como conferencista que recorre, de modo exagerado e ridículo, à língua franca da audiência, colonizadora. Multiplicando-se enquanto sombras projetadas, a personagem é circunscrita às três faixas de uma bandeira que ondula ao sabor do dispositivo cinemático. Enunciando as estratégias de uma perpétua guerra fria, Nástio, o africano, começa pela descrição da crueldade das intenções do invasor, para passar gradualmente a enunciar os tormentos com que o agressor se confronta, quer perante as reações do Outro, quer perante as falácias de um sistema tecnocrático que aniquila, igualmente, os seus próprios cidadãos por via da alienação num "entertain yourself," como frisa Nástio no encerramento do seu discurso.

NUNO CERA [Beja, 1972]

***Sinfonia do desconhecido II* | 2021**

Descrição: Vídeo instalação em 3 canais (4K, transcrito para HD), som, cores, 20' 50'', legendado português. Ed. 2 + 1 PA

Valor de aquisição: 11 000,00 €



Fundamentação: Uma das vertentes fundamentais da obra de Nuno Cera, em fotografia e vídeo, é a compreensão da arquitetura e do urbanismo modernista e contemporâneo. Os seus trabalhos constituem um corpo de reflexão importante para a arquitetura portuguesa, percorrendo âmbitos e geografias diversas, desde o complexo industrial e portuário de Sines ao Hotel do Mar, em Sesimbra. O espaço arquitetónico ou a cidade, na sua componente histórica, simbólica e sociopolítica têm sido matérias de investigação, transformadas em instalações vídeo que promovem o diálogo sobre complexos e edifícios arquitetónicos diversos, mas de algum modo relacionados. É o caso das instalações vídeo em três canais *Sinfonia do Desconhecido I* e *Sinfonia do Desconhecido II* que são concebidas como "sinfonias visuais", com a colaboração dos críticos e historiadores da arquitetura, Susana Ventura, Joaquim Moreno e Mirko Zardini. A obra que se propõe para aquisição, *Sinfonia do Desconhecido II*, é um bom exemplo da construção artística de Nuno Cera neste domínio e coloca em diálogo três edifícios culturais, a "Torre do Tombo", de Arsénio Cordeiro, 1987-1990, em Lisboa, o campus universitário "Collegio del Colle" de Giancarlo De Carlo, 1962-1965, em Urbino, Itália, e a "Cidade da Cultura de Galicia", de Peter Eisenman, 2001, em Santiago de Compostela, Espanha. Constitui uma reflexão sobre três polos arquitetónicos reformuladores, para cada um dos seus contextos geográficos, de novas políticas culturais e de reafirmação urbanística.

Nuno Nunes-Ferreira [Lisboa, 1976]

***Festa* | 2013**

Descrição: Conjunto de 9 megafones utilizados numa campanha política

Dimensões: Dimensões variáveis

Valor de aquisição: 12 300, 00 €

Fundamentação: Nuno Nunes-Ferreira é um artista com um trabalho continuado exposto em Portugal e no estrangeiro em torno da memória colonial e da memória política da contestação, da revolta e da revolução. Trabalha frequentemente em torno do arquivo e com materiais que são despojos ou vestígios de uma história maior marcada por acontecimentos intensos. A obra selecionada para a Coleção do Estado é paradigmática dessa recolha, ao aglomerar nove megafones antigos usados em campanha política. A forma como se apresentam unidos e mudos, a par do título, *Festa*, depois de terem cumprido a função de chamar, anunciar e propalar palavras de ordem, traz a ideia de que a reivindicação coletiva pode ser um momento de celebração comunitária. Se essa capacidade reivindicativa está em perda, resta a nostalgia da *Festa*. Por outro lado, a colocação deste conjunto de altifalantes num

canto de uma sala, como se pudesse a qualquer momento ser acionada para anunciar alguma boa nova, parece poder deixar em aberto a reativação da festa, da revolta, da revolução. É de sublinhar também que, ferramenta da palavra, o megafone sem a voz é apenas um objeto coletável silencioso, um sinal de ausência. Este é um trabalho com uma carga complexa política, que traz em si a memória da ação, e que é uma peça significativa e representativa do trabalho de Nuno Nunes-Ferreira na Coleção de Arte Contemporânea do Estado.

PAULO CATRICA [Lisboa, 1975]

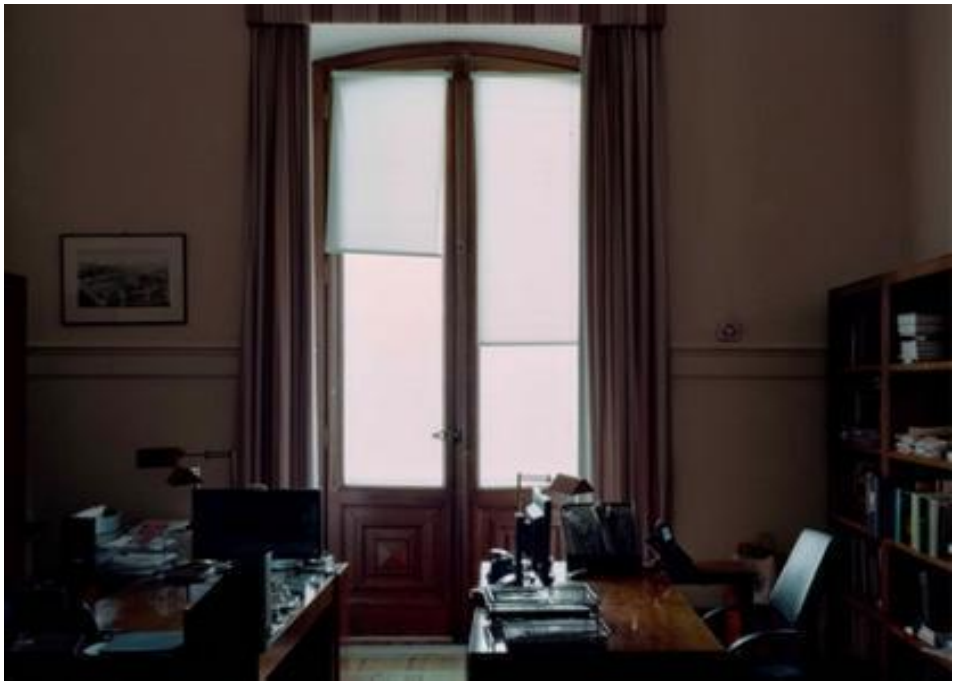
***Sala do grupo parlamentar do CDS-PP, Assembleia da República*, da série *Passos Perdidos* | 2018**
Descrição: Impressão digital a jato de tinta, a cores, sobre papel de barita (Hahnemühle), moldura em Faia. Ed. 5 + PA
Dimensões: 65 x 82 cm
Valor de aquisição: 3 000,00 €

***Sala do grupo parlamentar do Partido Comunista Português, Assembleia da República*, da série *Passos Perdidos*| 2018**

Descrição: Impressão digital a jato de tinta, a cores, sobre papel de barita (Hahnemühle), moldura em Faia. Ed. 5 + PA

Dimensões: 65 x 82 cm

Valor de aquisição: 3 000,00 €



Fundamentação: Paulo Catrica pertence a uma geração de fotógrafos que reformulou na década de 80, a contemporaneidade da fotografia documental portuguesa. O seu contributo é fundamental para a representação da fotografia de paisagem portuguesa na pós-modernidade, já que realiza a transição tardia, mas compreensível no quadro da arte portuguesa, do entendimento modernista de uma fotografia estética da paisagem para o seu registo documental, arquivístico e de pendor topográfico, a exemplo do que fora definido pelo movimento *New Topographics* norte-americano, da década de 70. O seu trabalho tem sido caracterizado por um coeso e incessante registo documental do território, desde a paisagem natural à construída, constituindo um repertório documental crítico sobre o desenvolvimento do país. A sua formação histórica confere uma evidente complexidade de análise e capacidade relacional a todo o seu trabalho fotográfico. A série *Passos Perdidos* foi realizada na Assembleia da República, e revela muitas das qualidades documentais e históricas assinaladas. Considerou-se a aquisição de duas obras fotográficas desta série, a sala do Grupo

Parlamentar do CDS e do PCP porque, no atual mapa político democrático do país, estes dois partidos testemunham a pulverização do nosso panorama ideológico, e a transição para o populismo. As duas imagens adquirem, por isso, um simbolismo histórico e uma pertinência política, coerente com a filosofia de trabalho do autor, e com a expressão da fotografia documental portuguesa atual.

PEDRO AMARAL [Lisboa, 1960]
***O galeão* | 2016**
Descrição: Tinta-da-china sobre papel
Dimensões: 204 x 151 cm
Valor de aquisição: 4 240,00€

Fundamentação: Pedro Amaral possui uma marca forte e um estilo muito característico de pintar. Desde os anos 90, os seus trabalhos de pintura e desenho, de registo figurativo, estão muito alicerçados no tratamento criativo de poderosas

referências da iconografia do século XX. Muito presente no seu processo criativo está o exercício de apropriação de imagens tanto provenientes de livros e enciclopédias ilustradas, da banda desenhada, da publicidade, como de arquivos ou da Internet. As suas obras, de grande impacto visual e politicamente comprometidas, conjugam referências populares de culturas diferentes, desde a americana, chinesa, indiana, passando pela «russo-soviética», até à japonesa. Como acontece em *Studio #4*, o desenho pode ser mais realista ou mais estilizado, e muito presente está a relação de longa data estabelecida com a linguagem estética da Pop Art, que o artista usa para criar um ambiente visual da civilização contemporânea e propor a apropriação contra-cultural de imagens icónicas.

PEDRO HUET [Porto, 1993]
***Humano Jarra* | 2021**
Descrição: Chapa de ferro. Instalação de 7 elementos
Dimensões: 134 × 32 × 20 cm
Valor de aquisição: 7 700,00 €

Fundamentação: Pedro Huet é um artista que vive na cidade do Porto onde tem uma participação ativa na cena artística, sendo membro da equipa do Sismógrafo, um espaço expositivo com grande relevância não só na cidade mas na cena artística nacional. Apesar de ainda jovem o seu percurso é afirmado tendo sido finalista do prémio Novo Banco Revelação, e apresentado obras em exposições na Galeria Municipal do Porto, nos Maus Hábitos, e no Museu de Serralves. A obra proposta para aquisição *Humano Jarra* é um conjunto de sete marionetas em metal que podem ser manipuladas funcionando como um dispositivo cénico, salientando o jogo de sombras projetadas pelas personagens metamórficas entre um corpo humano e uma jarra que sugerem uma relação entre o físico e o imaterial, o visível e o invisível. Estes jogos de semiótica e de transformação das formas e elementos são encontrados noutras obras do artista que recorre a diferentes meios plásticos cruzando narrativas, meios de produção onde sistemas de representação e hierárquicos são explorados.

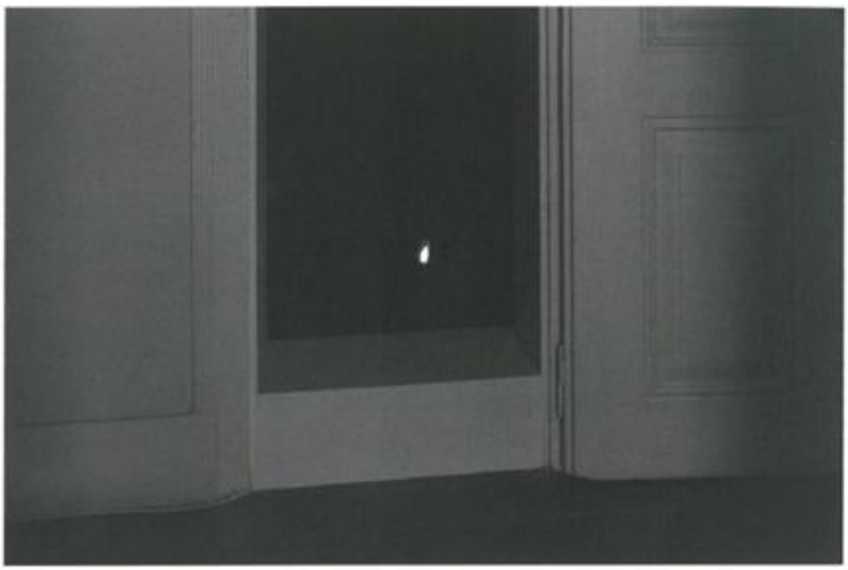
PEDRO MORAIS [Lisboa, 1944-2018]

***FOCUS FATUS LOCUS SOLUS* | 2008**

Descrição: Compartimento com vão de porta, tanque com água (1), monitor vídeo, vidro (3), dispositivo de rega gota-a-gota (2) (legenda: 1 Velho tanque | 2 Oval das mãos | 3 Reflexo)

Dimensões: 300 x 240 x 240 cm (aprox.)

Valor de aquisição: 40 000,00 €



Fundamentação: Pedro Morais estudou nas Escolas de Belas Artes de Lisboa e Paris. Viveu na capital francesa entre 1965 e 1977, onde, em 1975-76, espalhou com ajuda de amigos, num percurso rigorosamente calculado, as cinzas dos trabalhos feitos até então. Em Lisboa, na Escola António Arroio, criou o Atelier Livre que funcionaria entre 1979 e 1994 como um espaço de ensino radicalmente diferente, onde os alunos eram estimulados a criar o seu próprio caminho sem serem dirigidos, e que deixou marcas em todos os que por lá passaram. A filosofia Zen, a poesia japonesa, Marcel Duchamp, Raymond Roussel, são algumas das suas referências, que partilhava com amigos como Lourdes Castro e Manuel Zimbro. Os seus trabalhos eram muitas vezes efémeros, só existindo num tempo e num lugar. Os seus trabalhos perenes obedecem a uma lógica própria concebida demoradamente e com instruções pormenorizadas. O artista não tinha pressa em expor. As obras de Pedro Morais são de uma enorme minúcia, com uma planificação rigorosa e uma delicadeza extrema que fala aos cinco sentidos. É o caso da obra selecionada para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, na qual se atravessa por uma porta para se ficar envolvido no escuro e depois, através de um jogo óptico, se observar, depois de o olhar se habituar à escuridão, a luz tímida e frágil de uma chama, que paira e nos interpela. É um momento de suspensão e de magia, este que o artista se nos oferece.

PRISCILA FERNANDES [Coimbra, 1981]

***Inflatables POP* | 2019**

Descrição: Impressão cromogénea digital. Edição 1/3

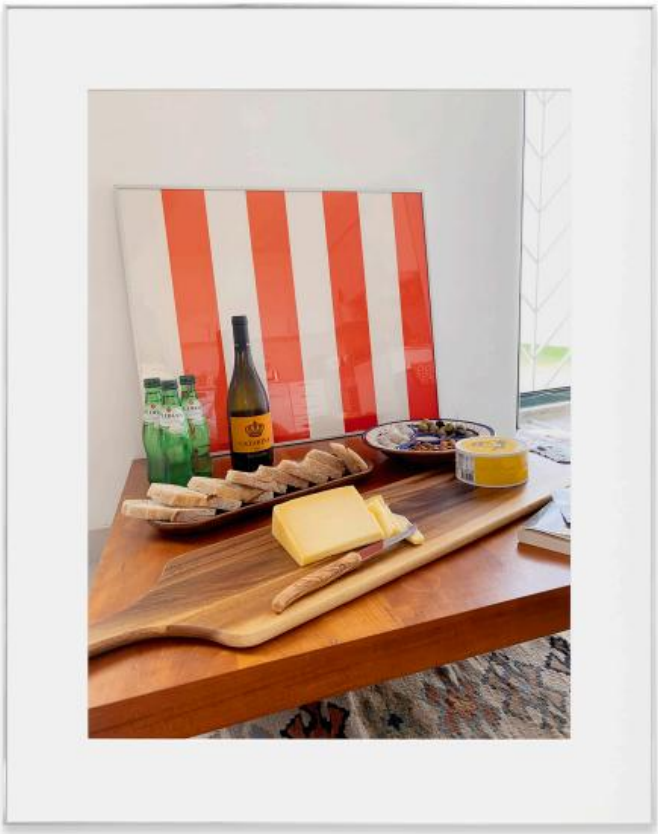
Dimensões: 228 x 175 cm

Valor de aquisição: 9 900, 00 €

Fundamentação: Priscila Fernandes tem um percurso internacional notável e uma prática contemporânea muito relevante. A sua obra recente está focada em questões relacionadas com o labor e o lazer e o borrar das fronteiras entre estas duas noções e da forma como estas têm sido pensadas a partir da prática artística, onde supostamente o lazer e labor são um mesmo ininterrupto. Questões que são vitais no contexto artístico, mas que vão para além deste. Este diluir das fronteiras entre trabalho e lazer é uma questão central na organização da vida e do trabalho nas sociedades capitalistas contemporâneas. A obra selecionada, integrante da série que Fernandes intitulou de *Labour Series* - um conjunto de fotografias em que a artista encena poses de lazer e produção artística de uma forma humorística - apresenta a

artista em pose de descanso sobre uma boia insuflável. Ao seu redor, as paredes e o chão estão pintados, há várias boias, e a artista, de biquini, está ela própria coberta de tinta. Assim, com elementos que remetem a férias balneares, Fernandes joga com a ideia de que a produção artística é uma atividade lúdica, sempre prazerosa, sem esforço. No entanto, a dimensão colossal da pintura que a rodeia prova o contrário.

RICARDO VALENTIM [Loulé, 1978]
***Discover Daniel Buren in Graça* | 2020**
Descrição: Impressão digital. Ed. 1/5
Dimensões: 101 x 81 x 2,7 cm
Valor de aquisição: 7 500, 00 €



Fundamentação: Ricardo Valentim reside em Nova Iorque e tem desenvolvido uma relevante carreira internacional. Valentim recorre à sua formação em antropologia para analisar o caráter simbólico de artefactos que contribuem para a identidade colectiva. Em *Discover Daniel Buren in Graça* Valentim emoldura um dos fragmentos de papel de parede que Buren espalhou por Lisboa nos anos 80, e procede à sua deposição

numa mesa, onde é servido um lanche gourmet. A pintura servirá de pretexto para as diversas visitas guiadas que Valentim organiza na sua casa, onde a visão panorâmica sobre a baixa lisboeta serve de fundo para extrapolar acerca das mudanças ocorridas na cidade desde as intervenções do artista francês.

RIGO 23 (RICARDO GOUVEIA) [Funchal, 1966]
***Iperé – Cicatriz de tordesilhas* | 2017**
Descrição: Tacuara, caixeta, folhas de palma, cordas, esferovite e plástico
Dimensões: 215 x 98 x 150 cm
Valor de aquisição: 27 480,00 €

Fundamentação: Natural do Funchal, Rigo viveu em Lisboa e mais tarde em São Francisco. Desde a década de 80, Rigo tem vindo a produzir pinturas, desenhos, instalações, intervenções de arte pública, documentação fotográfica e videográfica dos

seus murais e outros projetos, em campos tão diversos como a edição e o ativismo político e cultural. O âmbito dos seus interesses integra temas do mundo da arte, da política, da cultura, da história, dos direitos humanos, da música, do urbanismo, da linguagem. Sempre presentes na sua obra, estão questões relacionadas com o domínio social e comunitário da intervenção artística e sobretudo na defesa de comunidades indígenas. Esta peça escultórica de feição artesanal e manual, faz parte de uma série de trabalhos que o artista produziu em colaboração com a comunidade Guarani da Mata Atlântica, no sul do Estado de São Paulo. Rigo visitou esta região pela primeira vez em 2005 e o diálogo manteve-se desde então. Idealizada com o líder Guarani Renato da Silva (Wera Mirim), esta escultura com a forma de cesto foi executada por membros da aldeia de Pindoty no ecossistema da Mata Atlântica e também com o apoio da liderança e dos elementos da aldeia do Pereirinha, também localizada na Ilha do Cardoso. As dimensões da peça foram pensadas tendo em referência o marco de pedra do Tratado de Tordesilhas colocado na Praia de Itacuruçá, na Ilha do Cardoso, em 1502, e visava envolver o marco de pedra, de modo a obliterar a ferida e sugerir uma “cicatriz re-unificadora do mundo Juruá dividido ao meio pelo Tratado de Tordesilhas de 1494” segundo as palavras do artista. Como esta obra exemplifica, os seus projetos são recorrentemente o resultado de uma experiência direta, de uma disposição de abertura que se consubstancia em encontros e em relações humanas estabelecidas no processo de trabalho.

RITA FERREIRA [Óbidos, 1991]

***Parasita* | 2019**

Descrição: Óleo sobre papel e barra de ferro. Díptico.

Dimensões: 340 x 260 cm

Valor de aquisição: 9 900,00 €

Fundamentação: Com uma carreira ainda recente, Rita Ferreira, tem vindo a desenvolver o seu trabalho em torno das questões da pintura e da expressividade pictórica, num interessante contraste entre escalas infinitamente pequenas e controladas e a grande escala passível de estabelecer uma direta relação com o espaço e com o corpo do espectador. Numa lógica de produção cumulativa, que parte do suporte papel e da relação deste com os meios riscadores (trazendo para a sua pintura uma inevitável relação de primordialidade com o desenho), a artista tem vindo a apresentar obras (ou, muitas vezes, conjuntos de obras) onde o gesto gráfico rápido e expressivo e a paleta sintética desafiam e interrogam o olhar. Várias páginas de média dimensão são coladas por forma a perfazer um novo suporte de grande dimensão sobre o qual a artista atua, muitas vezes construindo dípticos onde propõe uma dissolução ou anulação da condição de frente e verso. As temáticas são diversas

mas parece sobressair um interesse particular pela representação de plantas, sementes ou outros organismos provenientes do meio natural, fazendo contrastar mais uma vez a questão da escala que transporta necessariamente estas representações do seu campo de referência para o domínio estrito da pintura. As decisões de instalação e as condições de apresentação destas obras determinam também em muito a sua leitura: suspensas a partir do teto, fixadas sobre um grande suporte metálico que lhes confere um corpo e as afasta da parede ou, às vezes, fragmentadas em suportes portáteis como que sublinhando a sua condição de ensaio, de pesquisa e simultaneamente de documento do seu fazer. A obra agora selecionada (*Parasita*) é exemplar da sua metodologia e prática, do ponto de vista da abordagem formal, expressiva e técnica, e foi apresentada numa exposição ocorrida na Travessa da Ermida, em Lisboa, estabelecendo uma relação particularmente feliz com o espaço em questão.

RITA GT [Porto, 1980]
***Unearthing* | 2021**
Descrição: Vídeo, cor, som, 14’06’’. Ed. 3 + PA
Valor de aquisição: 5 000, 00 €

Fundamentação: O trabalho de Rita GT aborda temáticas como a memória, identidade e relações coloniais, usando linguagens performáticas e visuais, muitas vezes implicando o seu próprio corpo. A sua obra tem sempre uma componente significante, uma mensagem, regra geral derivada das suas próprias vivências e confrontos com outras culturas. Nesta obra, Rita GT coloca em foco a colonização patriarcal, refletindo sobre o lugar das mulheres na política expansionista global

usando o barro, a cerâmica, e o canto como processos catalisadores. O vídeo-performance apresenta o movimento e a voz de um grupo tradicional, Cantadeiras do Vale do Neiva e das bailarinas Piny e Isa Santos, tendo como cenário o espaço da antiga Fábrica de Louça de Viana do Castelo.

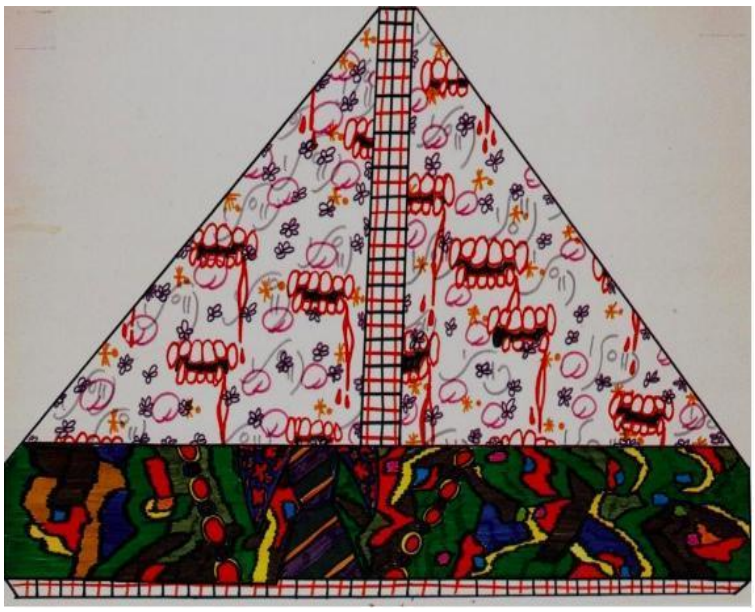
ROSA CARVALHO [Lisboa, 1952]
***Re-Récamier* | 2020**
Descrição: Óleo sobre tela impressionada
Dimensões: 140 x 200 cm
Valor de aquisição: 34 450,00 €

Fundamentação: Rosa Carvalho é uma artista com um trabalho continuado de diálogo com a pintura maneirista, barroca e clássica, reproduzindo telas famosas de forma rigorosa, mas delas retirando as figuras femininas. Procede assim a uma contestação irónica do papel da mulher na história da pintura ocidental, retirando-a de cena e impossibilitando a sua histórica objetificação. O jogo está, no entanto, no facto

de a pintura original ser conhecida e fazer parte do cânone pictórico convencional. É, por isso, familiar, e a ausência da personagem feminina desconcerta. Há uma desfamiliarização que perturba o *male gaze* e impede a objetificação da mulher a que a produção de imagens ao longo de séculos habituou. É o que se passa na pintura proposta para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, uma cópia da conhecida tela de Jacques-Louis David, *Madame Récamier*, de 1800, que retrata Juliette Récamier, mulher de um banqueiro e símbolo do gosto neoclássico que emergiu nos quatro anos do *Directoire*. «Directório» foi o período final da Revolução Francesa entre 1795 e 1799, no qual governou um comité com cinco membros, até ser derrubado pelo golpe de Napoleão do «18 de Brumário». O «estilo Directório» tomou o nome do período político que lhe correspondeu e da ascensão de uma alta burguesia ao poder, que cultivou um estilo inspirado na Roma Antiga e nos Etruscos no mobiliário, vestuário e pintura. Assim, nesta obra de Rosa Carvalho, a figura feminina reclinada no seu vestido neoclássico desaparece, e sobra o mobiliário e o fundo despojado habitual nas telas de David, deixando o olhar propositadamente perdido pela ausência do objeto (assim «desobjetificado») que devia focar.

RUY LEITÃO (Washington D. C., 1949-Lisboa, 1976)

***Sem título* | 1967**
Descrição: Feltro sobre papel
Dimensões: 42 x 59 cm
Valor de aquisição: 6 150,00 €



***Sem título* | 1967**

Descrição: Feltro sobre papel

Dimensões: 36 x 50,5 cm

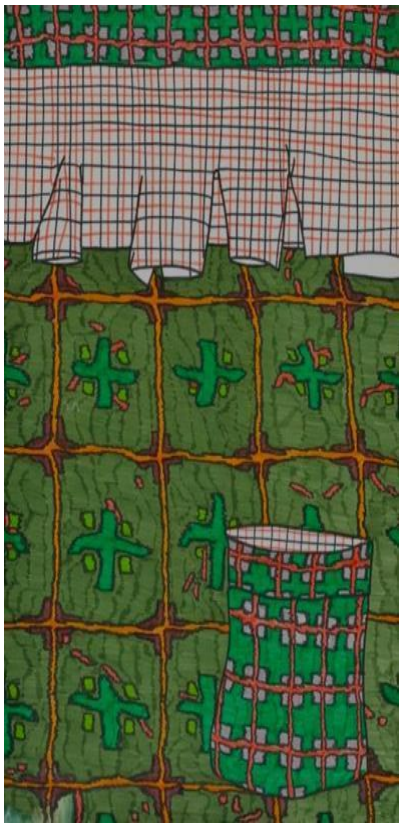
Valor de aquisição: 6 150,00 €

***Sem título* | 1967**

Descrição: Feltro sobre papel

Dimensões: 59 x 42 cm

Valor de aquisição: 7 380,00 €



Fundamentação: Ruy Leitão desenvolveu no seu curto percurso uma linguagem próxima da arte pop, recorrendo a sínteses gráficas em desenhos geralmente de pequena escala e com materiais utilizados na infância, como as canetas de feltro. Nos desenhos selecionados para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, é notório um sentido de posse do vazio, pela gradual materialização das superfícies lisas. Preenchidas com padrões decorativos que vão cobrindo a totalidade de um chapéu medieval, de um barco de papel ou de todo o campo visual, as superfícies adquirem uma densidade que resulta na volumetria e nomeação dos objetos. Tendo a sua génese em remotas fantasias de cariz infantil, a ordem do mundo acaba por pertencer ao domínio estrito das miragens, edificadas na ínfima escala humana.

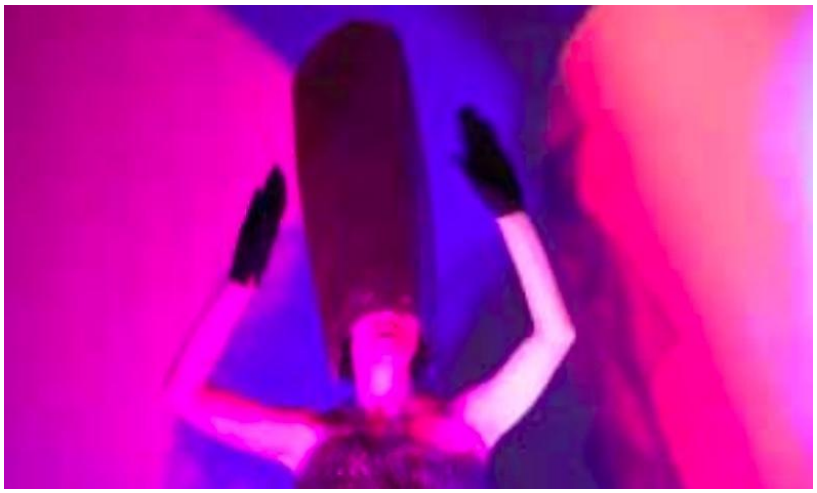
SUSANA CHIOCCA [Lisboa, 1974]

Bitcho | 2012 - ...

Descrição: Instalação com música-performance. 4 máscaras (BITCHO - Cuant, BITCHO - Xamã, BITCHO - Esta coisa #1, BITCHO - Variações), sarapilheira, tecido e grafitti; 3 figurinos (BITCHO - Cuant, BITCHO - Oráculo, BITCHO - Xamã), serapilheira e tecido; música em duas edições, uma em Cassete e outra em Cd do EP Cuant (edições Amateur), com música de Luís Figueiredo, voz de Susana Chiocca e textos de Alberto Caeiro, Herberto Helder, Álvaro Lapa, Hugo Ball, Elza Soares, Manoel Barros, Tobias Hering.

Vídeo-performance *Interlúdio*, 2020-2021, 10’49’’, cor e som, excertos do texto “Gestação de uma tragédia” de Eglantina Monteiro e Francisco Palma Dias.

Valor de aquisição: 18 500, 00 €



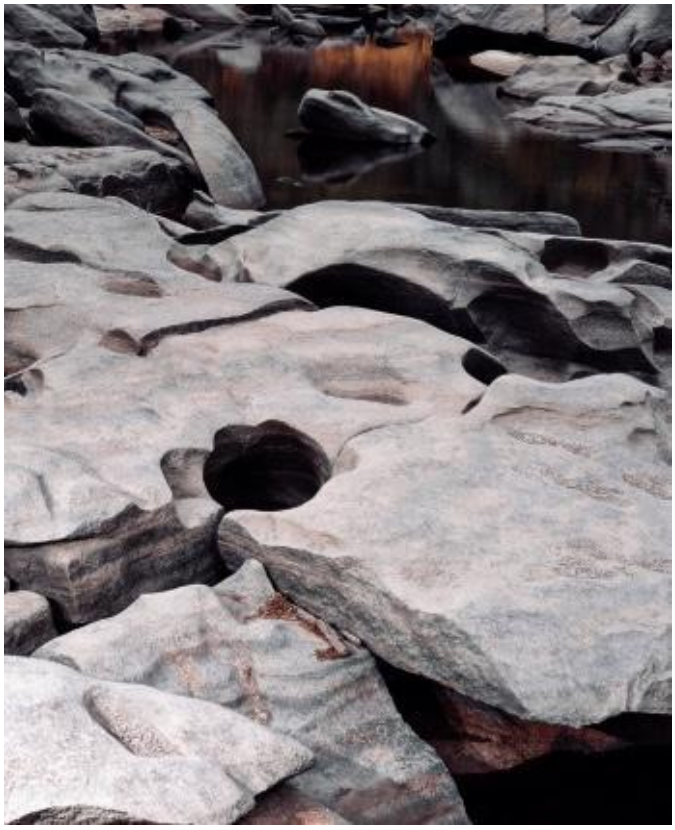
Fundamentação: Susana Chiocca é uma artista plástica performer de extrema relevância no contexto nacional, com um percurso muito consistente tanto na produção individual, como coletiva, colaborativa e curatorial, tendo dinamizado durante largos anos o espaço A Sala, inteiramente dedicado à performance, no Porto. A obra selecionada faz parte de um corpo de trabalho que Chiocca tem vindo a desenvolver na última década e que lhe permite abordar construções sociopolíticas em torno da identidade, da sexualidade, cosmogonias e sistemas binários de conceção do mundo. Como Chiocca refere "BITCHO é uma figura ambígua, meio ancestral com um híbrido folk" que numa relação orgânica com o público cria rituais libertários plenos de humor. As performances derivadas desta produção envolvem sonoplastias, figurinos, palavra falada e movimento, num estilo entre cabaret e aparição futurista.

TITO MOURAZ [Porto, 1977]

***Sem título (Série Fluvial)* | 2018**

Descrição: Impressão digital a jato de tinta, a cores. Ed. 3/5 + 1 PA
Dimensões: 125 x 100 cm

Valor de aquisição: 3.400,00 €



***Sem título (Série Fluvial*) | 2017 |**

Descrição: Impressão digital a jato de tinta, a cores. Ed. 3/5 + 1 PA

Dimensões: 100 x 125 cm

Valor de aquisição: 3.400,00 €

Fundamentação: Este conjunto de fotografias pertence à série *Fluvial*, realizadas em paisagens e praias fluviais situadas no interior de Portugal. A presença do rio, a relação humana com a paisagem natural, a. Em alguns casos, Tito Mouraz dirige a sua atenção para o contexto paisagístico, (como na imagem das rochas), outras vezes o seu olhar detém-se na figura humana, como na imagem do rapaz e do barco. Entre o teor mais geográfico e humano da sua visão, existe um outro jogo de correspondências que assenta por um lado no sentido mais documental do trabalho e paralelamente ao captar de uma atmosfera mais poética da visão fragmentada e detalhada da paisagem, o autor oferece-nos uma dupla perspetiva sobre estes ambientes tão característicos do norte e centro de Portugal.

URIEL ORLOW [Suíça, 1973]

***Reading Wood (Backwards)* | 2022**

Descrição: Objetos de madeira, papel de parede, impressões fotográficas, som. Ed. 5 + 2 AP

Valor de aquisição: 25000 €

Fundamentação: Uriel Orlow é um artista nascido na Suíça que vive em Lisboa e tem uma carreira internacional consolidada. Ganhou vários prémios internacionais, tendo também desenvolvido trabalho específico em Portugal. A sua obra baseia-se numa pesquisa em diálogo com outras disciplinas e tem uma preparação e maturação demoradas, focando o carácter processual do trabalho em arquivo. Como o artista afirma, o trabalho artístico permite-lhe uma liberdade na abordagem dos temas e na criação de relações e afinidades que o trabalho académico não lhe permitiria, bem como a possibilidade de conjugar diferentes *media*. Trabalha com filme, fotografia, instalação *site-specific*, desenho, som, performance, concebendo frequentemente instalações multimédia. Tem ensinado em universidades de Londres, Genebra e Zurique, bem como na escola de artes Maumaus em Lisboa, e publica regularmente textos seus. O seu trabalho incide sobre o impacto da modernidade, da ideologia do progresso, do capitalismo e dos colonialismos (velhos e novos) nas comunidades humanas e ambientais, vistas como um todo. Mostra, num trabalho cuidado que entretece o político, o social e o ecológico, como práticas indígenas se perderam ou

foram apropriadas, ou como se conseguiram preservar apesar de tudo; mostra como as práticas extrativistas levaram à alteração dos solos e das paisagens, à desertificação e à raridade ou extinção de espécies de flora e fauna. A obra selecionada para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado resulta de uma encomenda para a Bienal de Berlim de 2022 sob o tema *Present! Still*, e incide sobre a Xiloteca do Palácio Calheta localizada no antigo Jardim Colonial em Lisboa (actual Jardim Botânico Tropical), um repositório de dez mil amostras de madeira de árvores que outrora existiram em vários locais das antigas colónias portuguesas, para perguntar «O que acontece quando a floresta se torna uma biblioteca, servindo sistemas de conhecimento e economias ocidentais de extracção?». O artista procura olhar para a desflorestação planetária em curso como parte de um processo de longa duração, com raízes no início do século XV, nomeando etapas de exploração, desde a devastação da floresta original da ilha da Madeira para o cultivo do açúcar até às expedições botânicas em Angola, Moçambique e outros países africanos. Orlow leva-nos a refletir como de seres vivos as árvores passaram a ser vistas como mercadoria e fonte de lucro, com consequências devastadoras que se sentem cada vez mais.

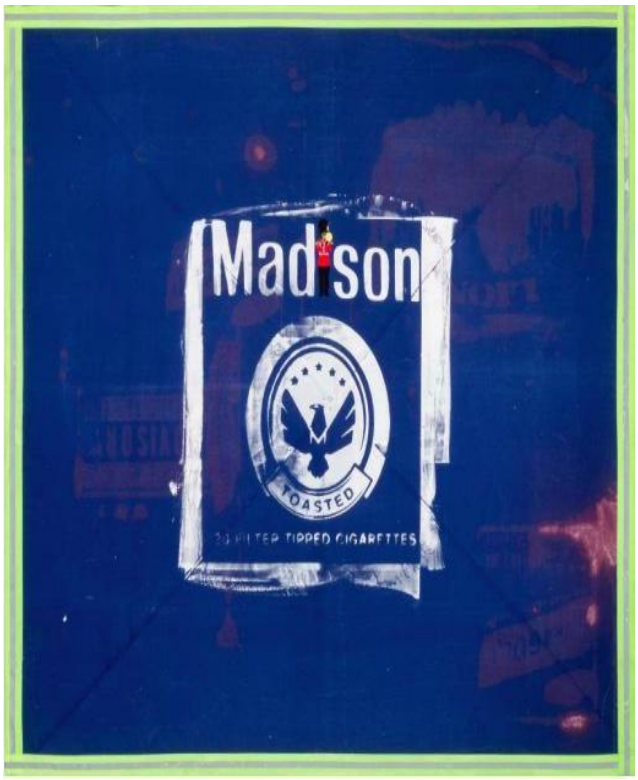
YONAMINE [Angola, 1975]

***Azul Indígena I* | 2019**

Descrição: Técnica mista sobre tela

Dimensões: 170 x 170 cm

Valor de aquisição: 22 500,00 €



Fundamentação: Yonamine tem desenvolvido um longo percurso internacional, com presença frequente em território nacional, através de residências artísticas, exposições e representação em espaços institucionais. *Azul Indígena I*, remete para a escala humana e para o movimento centrífugo do homem vitruviano, simbolizado pela águia imperial, e materializado por um X que atravessa toda a tela. Enquanto a infindável expansão remete para o império capitalista, a conversão de “Madison” em “Mad son” refere-se à alienação num consumo que contamina o “azul indígena” com a mais imaculada brancura. A conversão do observador em guarda da rainha denota o modo como é sustentada a supremacia anglo-saxónica, cuja vitalidade advém da intensidade do “azul indígena” e do apontamento gráfico da figura humana.

Síntese:

Artistas: 64 | Obras: 73 | Galerias: 23

A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea 2021/2022

Sandra Vieira Jürgens (Coordenadora)

David Teles Pereira (Representante do Ministério da Cultura)

Emília Tavares (Representante da Secretária de Estado da Cultura)

Ana Anacleto

Carla Cruz

Fernando J. Ribeiro

Horácio Frutuoso

Mariana Pinto dos Santos

Pedro Portugal

Setembro de 2022